

OS FRAGMENTOS DE MIMNERMO

*Flávia Andréa de Albuquerque Melo*

Rio de Janeiro  
UFRJ/ Faculdade de Letras  
1994

## EXAME DA DISSERTAÇÃO

MELO, Flávia Andréa de Albuquerque. Os fragmentos de Mimnermo. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1994. 109 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Grega.

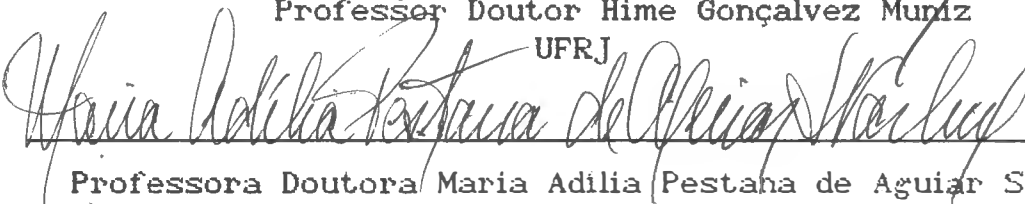
### BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Nely Maria Pessanha  
Orientadora



Professor Doutor Hime Gonçalves Muniz  
UFRJ



Professora Doutora Maria Adília Pestana de Aguiar Starling  
UFRJ

Professora Doutora Marilda Evangelista dos Santos Silva  
UFRJ (suplente)

Professor Doutor Miguel Barbosa do Rosário  
UFRJ (suplente)

Examinada a Dissertação:

Conceito: *Excelente*

Em: 06/10/1994.

## OS FRAGMENTOS DE MIMNERMO

por

Flávia Andréa de Albuquerque Melo

Sub-Área Letras Clássicas

Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Grega apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Professora Doutora Nely Maria Pessanha.

Dize:

O vento do meu espirito  
soprou sobre a vida.

E tudo que era efêmero  
se desfez.

E ficaste só tu, que é eterno...

Cecília Meireles, *Cânticos*.

A minha Mãe,  
conselheira e amiga.  
dedico esta obra.

A minha leal Orientadora, Nely Maria Pessanha, cujos conselhos e estímulos tornaram possível esta realização, ofereço meu eterno reconhecimento.

Ao professor Miguel Barbosa do Rosário, pelo pronto auxílio na revisão das traduções dos textos latinos e pelo estímulo constante, meu sincero agradecimento.

Aos meus professores, colegas e amigos, que me auxiliaram nesta senda, minha profunda gratidão.

Ao CNPq, pela confiança depositada em meu trabalho, agradeço.

## SINOPSE

Considerações acerca da vida e da obra de Mimnermo. Tradução dos fragmentos. A antinomia juventude e velhice. Os fragmentos de temática mitológica e histórica. Ressonâncias do tema da fugacidade da juventude em poetas posteriores.



## SUMARIO

1 - INTRODUÇÃO .....	10
2 - MIMNERMO: VIDA E OBRA .....	13
2.1 - <u>Informes biográficos</u> .....	13
2.2 - <u>A produção poética</u> .....	21
3 - TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS .....	25
4 - MIMNERMO, POETA ELEGÍACO .....	32
4.1 - <u>A antítese juventude x velhice</u> .....	33
4.2 - <u>A temática histórica e mitológica</u> .....	62
4.3 - <u>Outros fragmentos</u> .....	77
5 - RESSONÂNCIAS DA POESIA DE MIMNERMO .....	81
6 - CONCLUSÃO .....	97
7 - BIBLIOGRAFIA .....	100

## 1 - INTRODUÇÃO

Os temas do amor e da fugacidade da vida, recorrentes na obra de escritores vários em diversas épocas, podem ser considerados universais, visto que constituem preocupações do ser humano de todos os tempos. Na Grécia Arcaica, por exemplo, a temática da efemeridade das gerações humanas já se encontra na *Iliada*, de Homero (VI,146), mas é, sobretudo, nos escassos fragmentos de Mimnermo, poeta elegíaco da segunda metade do século VII a.c., que esse tema ganha relevo. É evidente que ao poeta de Esmirna não preocupa a existência humana em suas diversas fases; interessa-lhe, sobretudo, a curta duração da estação florida da juventude, momento do amor e do prazer. Por esse motivo, ficou consagrado pelos alexandrinos como o doce poeta do amor. Deve-se, contudo, assinalar que esse poeta compôs, além dessas elegias cuja tônica era a fugacidade da juventude, expressa através do jogo antitético juventude x velhice, poemas de conteúdo histórico e mitológico.

Pretende-se, nesta dissertação, examinar toda a produção poética de Mimnermo, e, em especial, aquelas elegias consideradas de temática amorosa e verificar até que ponto se

encontram ressonâncias dessa parte de sua obra em poetas posteriores.

Primeiramente, serão tecidas algumas considerações acerca da vida e da obra desse elegíaco, procurando situá-lo no contexto histórico da Grécia Arcaica. Seguir-se-á, então, a tradução de todos os fragmentos atribuídos a Mimnermo, inclusive os ditos espúrios ou de autoria duvidosa. Numa terceira etapa, proceder-se-á à análise literária e estilística dos fragmentos. Consta ela de três seções. Primeiramente, serão estudados os fragmentos de temática amorosa. Nesse item, ainda será objeto de atenção a antinomia juventude x velhice e, principalmente, a visão do poeta acerca do efêmero a que, inevitavelmente, o homem está submetido. Procurar-se-á, nesse momento, relacionar a ótica do poeta com a teoria psicanalítica freudiana dos dois princípios do funcionamento mental, ou seja, o princípio do prazer e o princípio da realidade, já que muito do que postula Freud pode aplicar-se nos versos de Mimnermo. Para o poeta, juventude é prazer e velhice, dura realidade. Merecerão estudo à parte os fragmentos de temática histórica e mitológica também significativos dentro da obra de Mimnermo, bem como os fragmentos que, constituídos por apenas um verso, oriundos de citações de léxicos e escólios de outras obras, não se enquadram em nenhum dos temas já mencionados. Quanto aos

fragmentos de autoria duvidosa e aos espúrios, não será feita qualquer análise, pois, por sua própria natureza, não caracterizam a produção do elegíaco estudado. Por fim, serão buscadas as ressonâncias da temática da fugacidade da vida e da juventude, tão enfatizada por Mimnermo, em obras de escritores posteriores. Dentre os poetas que focalizaram essa temática, foram selecionados: da literatura latina, Horácio e da literatura brasileira, quatro autores de estéticas diferentes: Gregório de Matos, representante do Barroco; Tomás Antônio Gonzaga, do Arcadismo; Fagundes Varela, poeta romântico e Cecília Meireles, do Modernismo.

Convém assinalar que a edição escolhida para citação e tradução dos fragmentos de Mimnermo foi *Iambi et elegi graeci ante Alexandrum cantati*, de Martin L. West, por ser a edição mais recente e atualizada do gênero.

As citações do *corpus*, objeto de análise desta dissertação, serão feitas no original sem tradução, visto que, no capítulo 3, apresenta-se a tradução de todos os fragmentos de Mimnermo. Quanto a outros textos gregos, as citações serão seguidas imediatamente de tradução.

## 2 - MIMNERMO: VIDA E OBRA

### 2.1 - Informes biográficos

Todas as informações acerca da vida do poeta Mimnermo apresentam aspectos mal esclarecidos ou até mesmo divergências.

Uma dessas questões diz respeito ao local de seu nascimento. O léxico Suda indica três possíveis pátrias de Mimnermo: Μίμνερμος· Λιγυρτιάδου, Κολοφώνιος ἢ Σμυρναῖος ἢ Ἀστυπάλαιεύς, ἐλεγειοποιός. (Trad.: Mimnermo: filho de Ligyrtiades, colofónio ou esmirneu ou astipaleu, poeta elegíaco.) Cabe, então, a indagação: Mimnermo nasceu em Esmirna ou em Colofon? Isto porque não há nenhuma evidência de que a dórica Astypalaia, uma das Espórades, seja a possível terra natal do poeta.

Costuma-se, seguindo a tradição, afirmar que Mimnermo é natural de Colofon, cidade da Jônia. Baseia-se essa informação, sobretudo, numa lista de colofônios famosos, segundo referência de Estrabão. Diz o geógrafo:

ἄνδρες δ' ἐγένοντο Κολοφώνιοι τῶν μνημονευομένων  
Μίμνερμος οὐλητῆς ἅμα καὶ ποιητῆς ἐλεγείας, καὶ

Ξενοφάνης... λέγει δὲ Πίνδαρος καὶ Πολύμναστον ...  
καὶ Ὅμηρον δὲ τινες εὐτεῦθεν εἶναί φασιν.

(Estrabão 14, c643)

Dentre os memoráveis colofônios estão Mimnermo, ao mesmo tempo, flautista e poeta elegíaco, Xenófanes ... Píndaro também menciona Polymnesto ... e alguns dizem que Homero era de lá.

Sabe-se que um poeta posterior a Mimnermo, também natural de Colofon, Antimaco, adotou-o como modelo em seus poemas, o que talvez possa ser considerado tributo ao celebre colofônio. Por fim, o caráter convival e amoroso de muitos de seus versos também aponta para Colofon, uma cidade próspera da Ásia Menor, de conhecida tradição poética, cuja corte amava o luxo e os prazeres do simpósio, como pode ser atestado pelo fragmento 3W de Xenófanes:

ἄβρυσύναις δὲ μαθούτες ἀνωφελέας παρὰ Λυδῶν,  
ὄρροι τυραννίδης ἦσαν ἄνευ στυγερῆς,  
ἦλσαν εἰς ἀγορὴν παναλουργέα φάρε' ἔχοντες,  
οὐ μέγους ὥπερ χεῖλιοι ὥς ἐπίπαν,  
αὐχαλέοι, χαίτησιν τ' ἀγαλλομεν εὐπρεπέεσσιν,  
ἀσκητοῖς δὲ μὴν κρίμασι δεινόμενοι.

Tendo aprendido, com os lídios, elegâncias inúteis,  
enquanto estavam livres da odienta tirania,  
iam à assembleia vestindo túnicas tingidas de púrpura  
em número não inferior a mil, no conjunto,  
soberbos, adornando os cabelos formosos,  
derramando perfume de bálsamos de raro preparo.

No entanto, os estudiosos modernos questionam a hipótese de Mimnermo ser colofônio e admitem, baseados em, pelo menos, dois fragmentos, que ele nasceu na cidade de Esmirna, colônia de Colofon. O fragmento 14 W, v. 1-4, revela que seus antepassados participaram da guerra da Lídia contra a cidade de Esmirna:

οὐ μὲν ὃν κείνου γε μένος καὶ ἀγήνορα θυμὸν  
τοῖον ἐμέο προτέρων πέυθομαι, οἷ μιν ἴδον  
Λυδῶν ἱππομόχων πυκινὰς κλονέοντα φάλαγγας  
Ἑρμιον ἄμ πεδίον, ρῶτα φερεμμελίην.

Ora, Esmirna sofreu duas invasões dos lídios, como informa Heródoto, História, 1, 14 e 16. Uma delas foi chefiada por Gyges:

Ἐσέβαλε μὲν νυν στρατιὴν καὶ οὗτος, ἐπεῖτε ἦρχε, εἰς  
τὴν Μίλητον καὶ εἰς Σμύρνην, καὶ Κολοφῶνος τὸ ἄστυ  
εἶλε. (Heródoto, História, 1, 14, 18-19)

(Gyges) lançou, então, quando chefiava, o exército contra Mileto e Esmirna, e apoderou-se da cidade de Colofon.

Três gerações depois, Alyata, bisneto de Gyges, comanda uma segunda investida dos lídios contra Esmirna:

Ἄρδουος δὲ βασιλεύσας αὐτοῦ ἐνδὸς ὀρόντα πεντήκοντα ἔτεα  
 ἐξεδέξατο Σαδυνάττης ὁ Ἄρδουος, καὶ ἐβασίλευσε ἔτεια  
 δωδέκα, Σαδυνάττω δὲ Ἀλυνάττης. Οὗτος δὲ Κυαζάρη  
 τε τῇ Δηϊόκω ἀπογόνῳ ἐπολέμησε καὶ Μήδοισι,  
 Κιμμερίους τε ἐκ τῆς Ἀσίας ἐξήλασε, Σμύρνην τε τὴν  
 ἀπὸ Κολοφῶνος κτισθεῖσαν εἴλε, ἔς Κλαζομενάς τε  
 ἐνέβαλε. (Heródoto 1, 16, 1-6)

Depois de ter Ardys reinado por cinquenta anos, sucedeu-lhe Sadiata, seu filho, e reinou por doze anos; a Sadiata sucedeu Aliata. Este guerreou contra Kyaxares, descendente de Déioces e contra os Medos; expulsou os Cimérios da Asia; assenhorou-se da cidade de Esmirna, fundada por Colofon e invadiu o país dos Clazomenos.

Pode-se, então, levantar a hipótese de que o poeta esteja aludindo a primeira invasão, visto que o reinado de Gyges foi fixado entre 687 e 631 por F. Jacoby, que usou como fonte documentos assírios. Além disso, tem-se notícia, através de Pausânias, 9.29.4 [apud IAMBI (1992), p. 89 - fr. 13], de que Mimnermo escreveu distícos elegíacos acerca dessa primeira invasão:

Μίμνερμος δὲ ἐλεγεία ἐς τὴν μάχην ποιήσας τὴν  
 Σμυρναίων πρὸς Γύγην τε καὶ Λυδούς, φησὶν ἐν τῇ  
 προοιμίῳ θυγατέρας Οὐρανοῦ τὰς ἀρχαιοτέρας Μούσας,  
 τούτων δὲ ἄλλας νεωτέρας εἶναι Διὸς παῖδας.



Mimnermo, tendo composto elegias sobre a luta dos habitantes de Esmirna contra Ōyges e os lídios, diz, no proêmio, que as filhas de Uranos são as Musas mais antigas; as outras, filhas de Zeus, são mais novas do que aquelas.

Já o fragmento 9W faz uma breve alusão à colonização de Esmirna pelos colofônios. Segundo o próprio poeta, a cidade de Esmirna foi fundada pelos eólios e depois tomada pelos jônios:

Αἴπν' < > τε Πύλον Νηληϊῶν ἄστυ λιπόντες  
 ἱμερτὴν Ἀσίην νηυσὶν ἀφικόμεθα,  
 ἐς δ' ἔρατὴν Κολοφῶνα βύην ὑπέροπλον ἔχοντες  
 ἐξόμεθ' , ἀργαλέης ὕβριος ἡγεμόνες·  
 καίθην † διαστέχεντος ἀπορρύνεσθαι ποταμοῖο  
 θεῶν βουλῇ Σμύρνην εἴλομεν Αἰολίδα.

Convém assinalar que esse fragmento chegou até nós através de Estrabão, que, ao citar os versos de Mimnermo, afirma pertencerem à obra intitulada Nannō:

ὑγέρον δὲ ὑπὸ Αἰολέων ἐπιεσόντες κατέρυγον εἰς  
 Κολοφῶνα καὶ μετὰ τῶν εὐθένδε ἐπιόντες τὴν σφετέρην  
 ἀπελάβον, καθάπερ καὶ Μίμνερμος ἐν τῇ Ναννοῖ  
 φράζει, μνησθεὶς τῆς Σμύρνης ὅτι περιμάχῃτος αἰ·

Estrabão 14, 1, 4 (apud IAMBI, 1992 p.87, fr. 9)

Posteriormente, (os esmirneus) expulsos pelos eólios, refugiaram-se em Colofon e com estes, marchando, recuperaram sua pátria, como Mimnermo diz em *Nanno* ao se recordar de Esmirna, que foi sempre disputada.

Fica evidente, assim, que Mimnermo escreveu também versos de caráter histórico sobre Esmirna, provavelmente, sua cidade natal.

Assim como há discussão acerca da naturalidade do poeta, também a época exata de seu nascimento é passível de questionamento. O léxico Suda informa que Mimnermo nasceu durante a 37a. Olimpíada, ou seja, entre 632a.C. e 629a.C.:

Γέγονε δὲ ἐπὶ τῆς λζ' Ὀλυμπιάδος, ὡς προτερεύειν  
τῶν ζ' σοφῶν. τινὲς δὲ αὐτοῖς καὶ συγχροεῖν  
λέγουσιν.

Nasceu (ou floresceu) durante a 37a. Olimpíada, de modo que precedeu os Sete Sábios; alguns, no entanto, dizem que é contemporâneo deles.

Mas discute-se hoje essa informação contida no léxico bizantino, polémica essa motivada pela dificuldade de precisar o sentido do vocábulo *γέγονε* - perfeito do verbo *γίγνομαι* - que, na interpretação de uns, denota a data de nascimento, de outros, a da *ἀκμὴ* do poeta.

Outro informe, que permite levantar hipóteses acerca da cronologia do poeta, encontram-lo em Plutarco, De facie quae in orbe lunae aparet, 931e [apud IAMBI (1992, p. 91, fr. 20)]. Diz o famoso biógrafo e filósofo moralista grego que Mímnarmo, como Arquíloco, Kydias, Estesícoro e Píndaro, também escreveu sobre um eclipse:

εἰ δὲ μή, θέων ἡμῖν οὗτος τὸν Μίμνερμον ἐπάξει καὶ  
τὸν Κυδίαν καὶ τὸν Ἀρχίλοχον, πρὸς δὲ τούτοις τὸν  
Στησίχορον καὶ τὸν Πίνδαρον ἐν ταῖς ἐκλείψεσιν  
βλοφυρομένους, "ἄστρον φανερώτατον κλεπτόμενον" καὶ  
"μέσῳ ὁμάτι νύκτι γινομένον" καὶ τὴν ἀκτῖνα τοῦ  
ἡλίου σκότους ἀτραπὸν <ἐσσυμένον> φάσκοντας.

Não se pode precisar, no entanto, a qual eclipse Plutarco se referira, pois, como se sabe, houve dois, pelo menos, durante essa época: Um dos eclipses ocorreu em 648 a.C., que parece ser aquele a que Arquíloco faz referência no fragmento 122W:

"χρημάτων ἀέλποιν οὐδέν ἐστιν οὐδ' ἀπώμοτον  
οὐδὲ θαυμάσιον, ἐπειδὴ Ζεὺς πατὴρ Ὀλυμπίων  
ἐκ μεσοαιβρίτης ἔθηκε νύκτι, ἀποκρύψας φάος  
ἡλίου †λάμποντας, λυγρὸν† δ' ἦλθ' ἐπ' ἀνθρώπους δέος.  
ἐν δὲ τοῦ καὶ πιστὰ πάντα κατέλεπτα γίνεταί  
ἀνδράσιν· μῆδεις ἔθ' ὕμνων εἰσορέων θαυμάζετ'  
μηδ' ἐὰν δελφῖοι θῆρες αὐταμείψωνται νομὸν

ἐνὸς αἰῶνος, καὶ σφιν θαλάσσης ἤχεοντα κύματα  
φίλτερόν ἡπεύρου γέννηται, τοῖσι δ' ὕλκευ ὄρος

Nada há de inesperado, nem de impossível, nem de surpreendente, desde que Zeus, pai dos Olímpicos, tendo ocultado a luz do sol brilhante, do meio dia fez noite. E o pálido temor invadiu os homens. A partir de então, tudo se tornou, para os homens crível e possível. Nenhum de vós se espante se vir as feras trocarem com os golfinhos, as pastagens marinhas e, para elas, as vagas marulhentas dos mar tornarem-se mais caras que a terra firme; para eles, ser mais agradável avançar pela montanha.

O outro eclipse, que fora previsto por Tales de Mileto, tem como data provável 585 a.C.. De qualquer forma, essa informação pouco contribui para precisar a data de nascimento do elegíaco pois não se sabe se Mimnermo realmente presenciou o eclipse solar ou se apenas tratou poeticamente um tema tão curioso que foi um *τόπος* entre os poetas arcaicos.

Pode-se, então, seguindo-se a crença da maioria dos helenistas, dizer que Mimnermo é um poeta da segunda metade do século VII a.C. e estabelecer como terra natal Esmirna.

Quanto à sua vida em particular, aventa-se a hipótese de ser filho de Αἰγυπτιάδης, conforme nos informa *Suda* (vide p. 13), baseando-se provavelmente num fragmento de Solon, que ao

---

<sup>1</sup> Tradução da profa. Nely Maria Pessanha, apud PESSANHA (1989) p. 60.

parodiar um verso de Mimnermo, faz menção ao poeta pelo nome Λιγιστάδης, talvez um patronímico:

καὶ μεταποίησον Λιγιστάδῃ, ὅδε δ' αἶδε  
 "ὀγδωκαιταῖτ' μοῖρα κίχου θανάτου".  
 [Solon, fr. 20W, apud West(1980) p.172]

reformula, Ligiastades, e canta assim:

"que a moira da morte chegue aos oitenta anos."

Convém assinalar ainda que, além de uma informação de tom romântico sobre uma possível amada do poeta, nada mais se sabe acerca de sua vida.

## 2.2 - A produção poética

A obra de Mimnermo chegou-nos de forma fragmentada através da tradição indireta, ou seja, graças a referências e citações de escritores posteriores. E por serem tardios, tais testemunhos, muitas vezes, são imprecisos e incompletos. O léxico Suda revela que Mimnermo escreveu muitos livros: *ἔγραψε βιβλία τταῦτα πολλά*. O neoplatônico Porfírio, contudo, informa que o poeta é autor de dois livros: *Mimnermus duos libros luculentis versibus scripsit* [apud IAMBÍ, 1992, p.83] (Trad.: Mimnermo escreveu dois livros em versos elegantes.).

O poeta alexandrino Calímaco de Cós também faz referência a dois livros de Mimnermo:

τοῖν δὲ θυοῖν Μίμνερος ὅτι γλυκύς, αἱ κατὰ λεπτόν  
ρήσεις,] ἡ μεγάλη δ' οὐκ εἰδίαζε γυνή.

[Callim. fr. I. II ed. Pfeiffer. apud West(1992),p.84]

das duas (obras), não é a grande mulher que diz que Mimnermo é doce, mas os seus poemas curtos.

Estrabão 14, 1, 4, (apud IAMBI, 1992, p.87), ao introduzir os versos que constituem o fragmento 9W, a que já se aludiu, diz que um dos livros intitulava-se *Ναυνο*. Segundo *Hermesianax* Ifr. 7, v. 35 - 40, apud IAMBI (1992), p. 83], *Nannó* era o nome de uma flautista que fora amada por Mimnermo:

Μίμνερος δὲ τὸν ἦρόν ὃς εὗρετο πολλὸν ἀναπλῶς  
ἦχον καὶ μαλακοῦ πνεῦμα τὸ πενταμέτρου  
καίετο μὲν Ναυνοῦς, πολὺ δ' ἐπὶ πολλάκι λωτῷ  
κημῶθεις κώμους εἶχε σὺν Ἐξαμύῃ,  
τήστιχθε δ' Ἑρμόβιον τὸν ἀεὶ βαρὺν ἠδὲ Φερεκλῆν  
ἐχθρόν, μισήσας οὔ' ἀνέπεμψεν ἔπη.

Mimnermo, que, depois de ter sofrido muito, descobriu o doce som e o tom do brando pentâmetro, incendiou-se por *Nannó* e frequentemente ao brilhante loto amordaçado, divertia-se com *Examyes*, e odiava *Hermóbio* sempre sério e *Phérékles*, odiando, detestando os versos que ele compôs.

E, no entanto, difícil precisar o caráter desta obra intitulada *Nannō*. Parece apresentar ela episódios mitológicos e históricos, entremeados talvez com temas amorosos, como se verá adiante.

O poeta e crítico Calimaco referiu-se provavelmente à obra *Nannō*, através da metáfora ἡ μεγάλη γυνή, em oposição ao outro livro, que mereceu do alexandrino o título de αἶ κατὰ λεπτά. Encerrava este, possivelmente, elegias de caráter sentimental e doce, tendo Mimnermo recebido por causa dessas composições o epíteto de γλυκύς.

É possível que Mimnermo também tenha composto uma outra obra acerca da história de Esmirna, à qual, segundo comentário sobre Antimaco, contido no Papiro da Universidade de Milão, 17 col.II 26, o fragmento 13aW deve pertencer:

ὡς οἱ πόρ βασιλῆος, ἐπεὶ ῥ' ἔβλεθέετο μῦθον,  
ἦ τίς τιν' κοίλῃς ἀλοπίσι προΐεμενοι.

Como se pode observar, é impossível precisar a que obras pertencem os poucos fragmentos que chegaram até nós.

Na edição de West, foram reunidos 21 fragmentos, dos quais cinco são informações de escritores posteriores acerca da obra de Mimnermo. A estes fragmentos, foram acrescentados outros cinco considerados de autoria duvidosa ou espúrios.

Mesmo pelo pouco que restou da obra de Mínermo, pode-se afirmar que tratou ele de temas universais como a fugacidade da vida e os prazeres do amor, enfatizados, sobretudo, através da antítese juventude e velhice. É esta a parte mais conhecida de sua obra. Além disso, como já foi dito, temas extraídos da mitologia e da história de sua *NOVAIS* estiveram a serviço de seu estro.



### 3 - TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS

1 W

Que vida, que prazer sem a áurea Afrodite?

Morra eu, quando a mim não mais interessarem  
o secreto amor e as doces dádivas e o leito,

tal como as flores da juventude são agradáveis

5 para os homens e para as mulheres; mas, quando chega a dolorosa  
velhice, que torna o homem feio e disforme,

sempre o atormentam, no íntimo, preocupações nefastas.

ao contemplar os raios do sol, não mais se alegra,

é odiado pelos filhos e desprezado pelas mulheres:

10 tão penosa um deus fez a velhice

2 W

Como faz brotar as folhas: a florida estação da primavera,

quando, rápido, sob os raios do sol, crescem,

assim somos nós; por um breve instante, alegramo-nos

com as flores da juventude, sem conhecer o mal e o bem,

5 oriundos dos deuses. As negras Queres, contudo, estão presentes  
uma, portadora do fado da dolorosa velhice,

outra, da morte; pouco tempo dura o fruto da juventude,

tanto quanto se espalha sobre a terra o sol.

Porém, quando o fim da estação chega,

10 é melhor morrer logo do que viver,

pois muitos males instalam-se no coração: ora a casa

arruína-se, ora sucedem os penosos efeitos da pobreza;

um sente falta de filhos, e desejando-os

muitíssimo, desce ao Hades subterrâneo,  
15 outro sofre uma doença letal; enfim, não há homem  
a quem Zeus não conceda muitos males.

3 W

Quando a juventude passa, o pai, outrora muito belo,  
não é honrado pelos filhos, nem querido.

4 W

A Titono, Zeus concedeu um mal eterno,  
a velhice, que é mais terrível que a morte funesta.

5 W

Subitamente pela minha pele corre copioso suor,  
estou apaixonado ao admirar a flor da juventude  
agradável e bela - devia durar por muito mais tempo -  
mas é tão breve como o sonho

5

a juventude preciosa; a funesta e disforme  
velhice logo pende sobre a cabeça,  
odiosa e desprezível, que torna o homem desfigurado,  
prejudica seus olhos e seu espírito, ao envolvê-lo.

6 W

Oxalá sem doenças e sem inquietações,  
aos sessenta anos, a moira da morte me alcance.

7 W

Alegria teu coração: dentre os cruéis cidadãos,  
um falará mal de ti; outro, melhor.

8 W

..... a verdade esteja presente  
para ti e para mim, o bem mais justo de todos.

9 W

Abandonando a escarpada < > cidade de Neleu, Pilos,  
chegamos à desejável Ásia com as naus,  
na amável Colofon, com uma força superior,  
estabelecemo-nos, comandantes da cruel desmedida;  
5 dai, partindo do rio que nos separava,  
conquistamos Esmirna da Eólida, pela vontade dos deuses.

10 W - Estrabão 14. 13 p.633

Pilio, filho de Andraimon, (funda) Colofon, como diz Mimnermo  
em *Nanno*.

11 W

Jamais, Jasão traria o grande velocino  
de Ea, após empreender penosa viagem,  
realizando difícil tarefa paara o desmedido Pélias,  
nem alcançariam a bela corrente do Oceano.

11a W

A cidade de Eetes, onde os raios do rápido  
Hélios repousam num tálamo de ouro  
às margens do Oceano, aonde chegou o divino Jasão.

12 W

O sol recebeu por sorte um trabalho durante todo o dia,  
 jamais há qualquer descanso para ele  
 e para seus cavalos, desde que a aurora de róseos dedos,  
 deixando o Oceano, sobe ao céu.

5 Pois, através das ondas, o amável leito,  
 trabalhado, forjado pelas mãos de Hefesto  
 em ouro precioso, alado, leva-o, elevado sobre a água,  
 dormindo profundamente, desde o país das Hespérides  
 ate a terra dos Etiopes, onde um veloz carro e cavalos  
 10 ficam ate que a Aurora, filha da manhã, surja,  
 então, sobe em seu carro o filho de Hiperião

13 W - Pausânias 9, 29, 4

Mimnermo, tendo composto elegias sobre a luta dos habitantes  
 de Esmirna contra Gyges e os lidios, diz, no proêmio, que as  
 filhas de Uranos são as Musas mais antigas, as outras, mais  
 novas do que estas, são filhas de Zeus.

13a W

como os de junto do rei, quando acolheram o discurso,  
 lançaram-se, tendo-se protegido com côncavos escudos.

14 W

Não soube desse seu ardor e de tal ânimo heróico,  
 através de meus antepassados, que o viram  
 perseguir as falanges cerradas de cavaleiros lidios  
 na planície de Hermes, portando uma lança;

5 Palas Atena jamais repreendeu totalmente a ardente

força do seu coração, quando ele, na linha de frente,  
 precipitou-se na batalha da guerra sangrenta,  
 repelindo violentamente os agudos dardos dos inimigos,  
 pois nenhum de seus inimigos era melhor  
 10 para executar o trabalho da batalha violenta,  
 quando se encontrava sob os raios brilhantes do rápido sol.

15 W

a má fama mantém-no entre os homens.

16 W

desejando sempre uma palavra ferina

17 W

conduzindo homens da Peônia, onde é famosa a raça de cavalos.

18 W - Atheneu 174a

Ele próprio (Demétrio de Skepsis) registrou no livro vinte e quatro de sua obra que Daites foi honrado como herói junto dos troianos, de quem se recorda Mimnermo. e Hegessandros, de Delfos, diz que Zeus, Eilapinastes e Splanchnotomos, era honrado em Chipre.

19 W - Ael. V. H. 12. 36

parece que os antigos não concordam uns com os outros quanto ao número de filhos de Niobe... Hesíodo estima-os em dezanove... Mimnermo, em vinte e Píndaro em outros tantos.

20 W - Plutarco. *De facie quae in orde lunae apparet.* 19 p. 931e  
se não, Theon citará Mimnermo, Kydias e Arquiloco e, além destes, Estesicoro e Pindaro, que, nos eclipses, lamentam que "o astro mais brilhante foi roubado" e "no meio do dia surgiu a noite" e declaram que o raio do sol perseguiu o caminho das trevas.

21 W - Argum. ii (Sallustii) in Soph. Ant.

estão em desacordo as informações a respeito da heroína e de sua irmã Ismena. Ion, em seus ditirambos, diz que ambas foram queimadas no templo de Hera por Laodamante, filho de Eteocles; Mimnermo diz que Ismena, mantendo relações com Theoclymeno, foi morta por Tideu por determinação de Atena. Estas são as informações insólitas sobre as heroínas.

21a W - Zenob. Ath. 3. 17 cod. A, ed. Kugeas

"o coxo tem as melhores relações" dizem que as Amazonas, quando dão à luz um menino, arrancam-lhe um braço ou uma perna; Ao guerrear contra elas, os Citas, desejando conciliar-se, disseram-lhes que elas se uniriam em casamento aos Citas não mutilados e não deformados; respondendo a eles, Antianeira, chefe das Amazonas, disse: "o coxo tem as melhores relações". Mimnermo lembra-se do provérbio.

## DUBIA ET SPURIA

22 W

A ferida da errância louca da de Trezena  
 será a causadora de males e sofrimentos,  
 quando a audaz cadela lasciva enlouquecer de paixão  
 diante do leito. O tumulto o salvará do destino  
 5 de Zeus Armado, pronto para o sacrifício.  
 de dimensões colossais nas montanhas dos Ausônios.

23 W - Philodemos. *De pietate*

e tornaram o Sol e alguns deuses sofredores. Parece que  
 Mimnermo não discorda, ao falar que ele adormece a cada noite.

24 W

Como os médicos gostam de falar  
 as coisas mais feias e terríveis sobre o medo,  
 vangloriando-se de si mesmos.

25 W

Somos todos hábeis em invejar o homem ilustre  
 quando vivo: em louvá-lo, quando morto.

26 W

ó Zeus, muito honrado, como as mulheres são belas para nós dois.

#### 4 - MIMNERMO, POETA ELEGÍACO

Os fragmentos de Mimnermo, que chegaram até nós, apresentam temática variada. O poeta, além de compor elegias de caráter sentimental e subjetivo, exaltando a vida e a juventude, escreveu sobre temas históricos, como mostram os fragmentos 13W e 14W, que versam sobre a invasão de Esmirna pelos lídios, e sobre temas mitológicos, conforme se depreende dos fragmentos 11W, 11aW e 12W, cujos eixos temáticos são extraídos do mito de Jasão e o velocino de ouro e da jornada incansável do Sol.

Pela composição de elegias de temática amorosa, Mimnermo foi considerado pelos poetas alexandrinos o poeta do amor e dos prazeres da vida. Mas, de todos os fragmentos do elegíaco, apenas três, que apresentam, como elo comum, a oposição entre juventude e velhice, revestem-se, em alguns momentos, de um tom amoroso, já que o amor é, no dizer do poeta um atributo da juventude. Observa-se, contudo, nesses fragmentos e também em três outros, 3W, 4W, 6W, que grande ênfase é dada ao tema da velhice com suas conotações negativas.



#### 4.1 - A antítese juventude e velhice

Os fragmentos de 1 a 6, na edição de Martin L. West, têm como eixo temático a velhice, sendo que em três deles, como já foi dito, é estabelecida entre velhice e juventude, uma relação antitética que põe em relevo as benesses da tenra idade e as agruras às quais estão sujeitos os velhos. Desses fragmentos, os cinco primeiros foram citados por Estobeu, antologista do século VI d.C. que compilou trechos de obras de vários escritores gregos antigos, classificando-os em assuntos variados. Ao biógrafo Diógenes de Laércio deve-se a transmissão do fragmento 6W.

Em sua antologia, Estobeu cita os distícos que compõem os fragmentos 3W, 4W e 5W como exemplos de *ψόγος γήρως*, ou seja, crítica à velhice. Precede o fragmento 1W a informação de que versa ele sobre Afrodite, *περὶ Ἀφροδίτης*. Não é este, contudo, o tema central dessa elegia, visto haver apenas uma breve referência à deusa e a seus tradicionais atributos. Já o fragmento 2W é citado com a seguinte indicação: *περὶ τοῦ βίου, ὅτι βραχὺς καὶ ἐντελής καὶ φροντίων ἀνάμεικτος* (Trad.: acerca da vida, que é breve, simples e repleta de preocupações). Apesar destes dois

ultimos fragmentos, 1W e 2W, cantarem o amor e a vida, a antítese juventude x velhice está presente, o que faz sobressair a luminosidade da "florida estação" da vida. E o que se observa também no fragmento 5W.

Os fragmentos 1W, 2W e 5W, além de terem um eixo temático comum, apresentam também uma estrutura semelhante: até a cesura do terceiro hexâmetro - trocaica nos fragmentos 1W e 5W, triemimere no fragmento 2W -, é feita alusão ao amor, à vida, às delícias da juventude; a partir daí, domina a temática dos infortúnios da velhice. Assim, enfatiza-se a oposição entre juventude e velhice.

E interessante notar, ainda, que nos fragmentos 1W e 2W, há um outro ponto em comum no plano formal: o pentâmetro final do fragmento 1W, construído à maneira de máxima, constitui uma constatação sobre a velhice:

*οὕτως ἀργαλέον γῆρας ἐθήκε θεός.*

Semelhante fecho encontra-se no fragmento 2W. Após a cesura bucólica do último hexâmetro, o poeta é incisivo, ao sublinhar a subordinação do homem aos poderes divinos:

*ἄλλος νοῦσον ἔχει θυμοφθόρον· || οὐδέ τίς ἐστὶν  
ἀνθρώπων ὧι Ζεὺς || μὴ κακὰ πολλὰ δίδοι.*

Os fragmentos 1W, 2W e 5W iniciam-se, como já foi dito, enfatizando o lado positivo da vida, isto é, relacionando com a juventude signos que remetem ao amor, à beleza, ao vigor. No fragmento 1W, o verso inicial já expõe, através duma interrogação retórica, o ponto de vista do poeta a respeito da vida:

τίς ὁ βίος, τί ὁ τερνόν ὅτε χρόνης Ἀποδίτης;

Bíos, que significa existência, duração da vida, liga-se a τερνόν: a vida consiste numa eterna busca de satisfação e prazer. Essa visão de que a existência só tem sentido com prazer, com satisfação remete ao princípio do prazer, um dos dois princípios do funcionamento mental descritos por Freud em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. O princípio do prazer relaciona-se com o instinto de vida e é demonstrado pelas exigências originadas a partir da libido e pelo desejo de reduzir as tensões e desequilíbrios. De acordo com esse processo, o homem, deixando em segundo plano o princípio da realidade, é governado pela procura do prazer e da anulação da dor. Os vocábulos τερνόν e τέρομαι retomam o princípio do prazer freudiano, já que expressam, originalmente, a saciedade de necessidades instintivas de alimento, de amor físico e também de sentimentos. Τέρομαι significa "encontrar prazer em, alegrar-se com", apresentando,

às vezes, uma nuança de jogo, divertimento. Reforçando essa idéia, Mimnermo evoca uma divindade que simboliza todos esses anseios, a áurea Afrodite: deusa do amor e da beleza, que representa a vida cheia de prazeres e de encantos. O adjetivo χρυσή, "de ouro", cognato de χρυσός, "ouro", refere-se simbolicamente ao valor, à beleza e ao brilho dessa deusa. Tal epíteto é empregado sobretudo em Homero, que enfatizava assim os atributos da bela deusa do amor.

Desse modo, o amor cantado por Mimnermo está sempre envolvido num véu de sensualidade, característica fundamental da áurea Afrodite.

Afrodite tem, pelo menos, duas origens. Uma tradição coloca-a como filha de Zeus e Dione, conforme se observa na *Iliada*, V, 370-372:

ἥ δ' ἐν γούνασι πίπτε Διώνης οἱ Ἀφροδίτη·  
 μητρὸς ἔης· ἥ δ' ὀγκῶς ἐλάξετο θυγατέρα ἥν,  
 χειρὶ τέ μιν κατέρεξεν ἔπος τ' ἔφατ' ἐκ τ' ὀνόμαζε·

A divina Afrodite cai sobre os joelhos de Dione,  
 sua mãe, que aconchegou em seus braços a filha,  
 acariciou-a com a mão e perguntou-lhe, chamando-a pelo nome:"

Mas, de acordo com a *Teogonia*, de Hesíodo, versos 188 e seguintes, ela teria nascido da mutilação do órgão viril de Urano, ou melhor, da "espuma branca", λευκὸς ἀφρός, que saiu

de seu órgão sexual mutilado, atirado ao mar por Cronos. Após seu nascimento, rumou a deusa para a ilha de Citera e depois para Chipre. Assim que chegou à terra firme, sob seus pés, cresceu imediatamente a relva, indicando que a fecundidade também é um atributo da deusa. Hesíodo enumera, assim, suas características fundamentais:

τῇ δ' Ἔρος ὠμόρτητος καὶ Ἰμερος ἔσπετο καλὸς  
 γεινομένη τὰ πρῶτα θεῶν τ' ἐς φῦλον ἰούσῃ,  
 ταύτην δ' ἐξ ἀρχῆς τιμὴν ἔχει ἧδὲ λέλογχε  
 μοῖραν ἐν ἀνθρώποισι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσι,  
 παρθενίους τ' ὀάρους μειδμήματά τ' ἐξαπάτας τε  
 τέρψιν τε γλυκερὴν φιλότῃτά τε μελιχίην τε.

Eros e o belo Desejo tornaram-se seus companheiros desde o seu nascimento e sua ida para junto dos deuses. esta honra tem ela desde o começo e coube-lhe como quinhão, entre os homens e entre os deuses imortais, as conversas das moças, os sorrisos, os encontros, os prazeres, o doce amor e a ternura.

(Hesíodo, *Teogonia*, v. 201 - 206)

É interessante notar que Minnermo, no segundo hexâmetro do fragmento 1W, também refere-se aos atributos de Afrodite: os μείλιχα δῶρα da deusa compreendem o amor secreto, κρυπταδίῃ φιλότης, e o leito, εὐνή, que representam o amor, a sensualidade. O substantivo φιλότης, que, como nos

informa Chantraine, significa amizade ou afeto fundado nos laços de hospitalidade, de sangue e do companheirismo, em Homero, é sobretudo poético e supõe muitas vezes uma comunhão concreta. Aliado ao adjetivo *κρυπταδίῃ*, significa o encontro íntimo, sexual, representando a concretização do amor. A alusão ao leito conjugal (*εὐνή*) também reitera o sentido do amor sensual, como já se observa em Homero, *Iliada*, VI, 25-26:

ποιμαίνων δ' ἐπ' ὅσσοι μίγῃ φιλότῃ καὶ εὐνῇ.,  
ἣ δ' ὑποκυσαμένη διδυμάουε γείνατο παῖδες\*

enquanto pastoreava as ovelhas uniu-se em amor e no leito (com a ninfa), que, fecundada, gerou gêmeos.

Todos esses atributos estão intimamente relacionados com *ῥῆις αἰθέα ἄρπαλα* - as agradáveis flores da juventude. Isso mostra que amor-vida-juventude constituem uma triade indissociável, onde a ausência de um dos elementos provoca a desagregação dos dois restantes.

A esses conceitos de amor e vida, junta-se a idéia da curta existência da juventude, presente sobretudo nos fragmentos 2W e 5W.

O primeiro distico do fragmento 2W, que compara a duração da juventude com a existência efêmera das folhas, remete aos versos 146-9 do canto 6 da *Iliada*:

οἷ' περ φύλλον γενεή, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.  
 φύλλα τὰ μὲν τ' αὔεμος χαμάδις χέει, ἄλλα δὲ θ' ὕλη  
 τελεσθόωσα φύει, ἔαρος δ' ἐπιγίγνεται ὥρη.  
 ὥς ἀνδρῶν γενεὴ ἣ μὲν φύει, ἣ δ' ἀπολήγει.

Assim como é a geração das folhas, tal é a dos homens.  
 Folhas, umas o vento lança sobre a terra, outras o bosque  
 verdejante produz, ao chegar a estação da primavera;  
 assim a geração dos homens, uma nasce, outra se acaba.

Está esse trecho inserido no episódio em que Glauco e Diomedes se defrontam no campo de batalha e reconhecem que estão ligados pelos laços de hospitalidade. Glauco, vendo-se questionado sobre sua origem, revela através de um simile que a sucessão das gerações humanas são como a geração das folhas: umas se espalham sobre a terra, outras formam densa floresta a chegada da primavera. Mas, enquanto o personagem da epopéia enfatiza a brevidade da vida humana, o poeta elegíaco põe em relevo a fugacidade da juventude.

Esse mesmo verso - 146 do canto VI da *Iliada* - encontramos num outro fragmento, cuja autoria é objeto de controvérsias. Diehl (fr. 29) e Adrados (fr.1), por exemplo, consideram-no de Semónides de Amorgos; West, de Simónides de Céos. Esse fragmento estabelece também um diálogo com o texto homérico:

ἐν δὲ τὸ κάλλιστον Χῖος ἔειπεν ἀνὴρ  
 "οἴη περ φύλλων γενεή, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν".  
 παῦροι μὲν θνητῶν οὖσαι δεξόμενοι  
 στέρνοισ' ἐγκατέθεντο πάρεσσι γὰρ ἐλπίς ἐκάστωι  
 ἀνδρῶν, ἢ τε νέων στήθεσιν ἐμφύεται.  
 θνητῶν δ' ὅφρα τις ἀνθος ἔχηι πολυήρατον ἥϊης,  
 κοῦρον ἔχων θυμὸν πόλλ' ἀτέλεστα νοεῖ.  
 οὔτε γὰρ ἐλπίδ' ἔχει γηρασέμεν οὔτε θανεῖσθαι  
 οὐδ', ὕγι᾽ ὅταν ᾖ, φροντίδ' ἔχει καμάτου.  
 νηπίοι, οἷς ταύτηι κεῖται νόσος, οὐδὲ ἴσασιν,  
 ὥς χρόνος ἔσθ' ἥϊης καὶ βιότου ὀλίγος  
 θνητοῖς. ἀλλὰ σὺ ταῦτα μαθὼν βιότου ποτὶ τέρμα  
 ψυχῇ τῶν ἀγαθῶν τληῖσι χαριζόμενος.

[Fr. 29. Diehl, apud Pereira (1980) p.321]

O mais belo disse o homem de Quios,  
 "tal é a geração das folhas, tal a dos homens"  
 Poucos mortais, ouvindo-o guardam-no  
 em seu íntimo. Está presente em cada homem a esperança  
 que se enraiza no peito dos jovens,  
 enquanto o mortal frui a amável flor da juventude,  
 tendo livre o coração, pensa muitas coisas irrealizáveis,  
 não espera envelhecer nem morrer,  
 nem, enquanto tem saúde, preocupa-lhe a doença.  
 Tolos os que assim pensam, pois não percebem  
 quão breve é o tempo da juventude e da vida  
 para os mortais. Mas tu, que isso aprendeste,  
 até o fim da vida ousa conceder à tua alma bens.



Numa abordagem diversa de Semónides, que mostra a vida breve e salienta a inconsequência e insensatez dos homens, especialmente na juventude, período de ilusões e esperanças vãs, Mimnermo exalta a beleza da juventude que passa rapidamente e dá lugar à penosa velhice. Essa brevidade confere à juventude um bem de grande valor, sugerindo o tema do *carpe diem*, pois, segundo o poeta, os prazeres da vida só podem ser gozados durante a juventude.

Essa mesma temática é retomada no fragmento 5W, em que a juventude é caracterizada como fugaz, através do adjetivo *ῥαίγοχρόνιον*, formado pelo radical do adjetivo *ῥαίγος* - pouco, pequeno, breve - e o radical do substantivo *χρόνος*, que significa tempo, e através do simile *ὥςπερ ὄναρ* - "como um sonho" -, que é breve, apesar de encantador e agradável.

A efemeridade da juventude é enfatizada, sobretudo, pelo emprego do verbo *παραμείβω*, cujo sentido, especialmente na voz média, expressa a ideia de mudança, transição, passagem. Em Mimnermo, esse verbo aparece sempre numa oração subordinada adverbial temporal, tendo como sujeito *ἔσση* - a estação -, como é possível verificar no verso 9 do fragmento 2W e no hexâmetro do fragmento 3W, o que evidencia que a estação da juventude chega, inevitavelmente, ao fim, como a Primavera, que é a mais bela e efêmera das estações do ano.

A frequente metáfora ἡφης αὐθός é, também, bastante sugestiva por encerrar simbolicamente as características da juventude: própria para o amor e fugaz. A estação primaveril, as flores e os raios do sol aparecem de forma enfática no fragmento 2W. A florida estação da Primavera, -πολυαύθemos ὥρη / εἶπος-, indica o período destinado à reprodução dos seres vivos e caracteriza-se pela proliferação de inúmeras espécies de flores (αὐθός) que, por sua vez, representam o desabrochar sexual das plantas e têm uma duração efêmera.

A visão do poeta a respeito da juventude vem revestida de uma atmosfera de sensualidade, ao revelar, no primeiro distico do fragmento 5W, os efeitos produzidos pela paixão no momento em que é contemplado o objeto do amor:

αὐτίκα μοι κατὰ μὲν χροίην ῥέει ἄσπετος ἰόρως,  
 ποιῶμαι ἐξορῶν αὐθός ὁμηλικίης  
 τερπνὸν ὁμῶς καὶ καλόν· .....

O estado de paixão evidencia-se através do verbo ποιῶ que, além de expressar terror, assombro, espanto, indica também o arrebatamento da paixão. Na voz passiva esse verbo significa *estar ferido de paixão*, e, nesse poema, enfatiza a sensualidade expressa no primeiro verso com a imagem de copioso suor que inunda toda a pele. É interessante ressaltar

que esses versos remetem a uma ode de Safo de Lesbos em que são descritas as sensações físicas produzidas pelo erotismo nos apaixonados:

ἀλλὰ καὶ μὲν γλῶσσαι Φέαγε, λεπτόν  
 ὁ' αὐτίκα χροῖ πῦρ ὑπαδέρόμακεν,  
 ὀππάτεσσι δ' οὐδ' ἐν ὄρημ', ἐπιρρόμ-  
 βεισι δ' αἰοναί

ἀ δε μ' ἴδως καυχέεται, τρόμος δὲ  
 παῖσαν ἄγρει, χλωροτέρα δὲ ποίας  
 ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω ἠτιδεύης  
 φαίνομ' - - -

ἀλλὰ πᾶν τόλματον ἐπεὶ - - -

(Fr. 2 - Reinach - Puech)

Mas logo, sutilmente, minha lingua  
 paralisa e sob minha pele, de repente um fogo  
 escorre. Nada vejo com os olhos; zumbem-me  
 os ouvidos.

O suor poreja, inunda-me, um tremor  
 me invade e, toda, mais verde  
 do que a relva fico, por pouco estou morrendo  
 e assim pareço.

Mas tudo ousar se pode, quando  
 nada há a perder.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Tradução da profa. Guida Neddá. B. P. Horta In: Calíope, presença clássica. número 6 (1987) p. 24.

Aos versos iniciais dos fragmentos 1W, 2W e 5W, que enfatizam a vida e a juventude, contrapõem-se os versos que revelam os aspectos negativos da velhice. Então, várias antíteses são construídas para enfatizar esse contraste. A oposição no nível semântico entre o substantivo βίος e a forma verbal τεθναίην, existente no distico inicial do fragmento 1W, ainda não revela a antinomia juventude e velhice, apenas reitera a importância atribuída aos prazeres do amor na vida, o que caracteriza a primeira parte do poema. Somente a partir da cesura triemimere do terceiro hexâmetro, pode-se visualizar a oposição entre a juventude e a velhice através da caracterização de cada um: o substantivo τερπνόν - prazer -, presente no verso inicial, opõe-se ao adjetivo que caracteriza a velhice ὀδυνηρόν, significando "que causa uma dor aguda". Esse adjetivo é derivado do substantivo ὀδύνη que significa, originalmente, dor física, sobretudo, forte e súbita, mas, por extensão, tem o sentido de dor em geral, como nos informa Chantraine. Seguindo esse paralelismo, pode-se perceber que o segundo pentâmetro e o último pentâmetro estabelecem uma antítese fundamental:

οἶ', ἥβης ἀνθεα || γίνεταί ἀρπαλέα  
οὕτως ἀργαλέον || γῆρας ἔθ' ἡκε θεός

Nesses versos, as flores da juventude - ἥβης άνθοα - e a velhice - γήρας - estão devidamente caracterizadas. O adjetivo ἀργαλέα apresenta a mesma raiz do verbo ἀρπαίω, cujo significado é arrebatrar e apoderar-se com averse e violência, o que confere ao adjetivo um matiz mais forte que simplesmente agradável, ou seja, algo irresistivelmente sedutor, algo desejado com ardor. Já ἀργαλέον, forma dissimilada de \*ἀλγαλέον, traduz-se por funesto ou penoso e deriva de άλγος (dor física, sofrimento em geral). Ambos apresentam o mesmo sufixo poético formador de adjetivos -αλεος, o que produz uma assonância cuja similaridade na camada fônica é contraposta pela oposição dos termos no campo semântico. Também o quiasmo cria um belo efeito, reiterando ainda mais o caráter antitetico dos termos.

No fragmento 5W, as principais antiteses estão contidas em construções paralelas. E o que se observa nos hexâmetros 2, 3 e 4:

τερπνόν ὁμῶς καὶ καλόν· || ἐπὶ πλέον ὠφέλει εἶναι·  
 ἥβη τιμῆσσά || τὸ δ' ἀργαλέον καὶ ἀμορφόν  
 ἐχθρόν ὁμῶς καὶ ἀτιμόν, || ὃ τ' ἀγνωστον τιθεῖ ἄνδρά,

Nos segundo e quarto hexâmetros, até a cesura trocaica, a estrutura sintática é a mesma, pois os grupos de dois adjetivos ligados por ὁμῶς καὶ vêm em função predicativa. No

entanto, do ponto de vista semântico, esses grupos possuem valores opostos: em *τερπνὸν ὁμῶς καὶ καλόν*, encerra-se um valor positivo, referindo-se à juventude; *ἐχθρὸν ὁμῶς καὶ ἄτιμον* apresenta a contrapartida negativa da velhice. O segundo hexâmetro compõe ainda com o terceiro hexâmetro um quiasmo: os dois adjetivos, *τερπνόν* e *καλόν*, dispostos no início do segundo hexâmetro, opõem-se aos adjetivos *ἀργαλέον* e *ἄμορφον* do terceiro hexâmetro. Ainda nesse fragmento, é interessante notar a oposição de dois termos cognatos de *τιμή* (honra, valor): um, *τιμήσσα*, no terceiro e outro, *ἄτιμον*, no quarto hexâmetro. O adjetivo *τιμήσσα*, em se tratando de pessoas, significa honorável, honrosa; ao qualificar objetos, presentes equivale a valor, preço, sendo traduzida por preciosa, de grande valor, característica fundamental da juventude. *ἄτιμον*, que apresenta o prefixo privativo *-α-*, indica o sentido contrário expresso pelo radical de *τιμή*, qualificando a velhice como desprezível e indigna de honra. Esses dois adjetivos estão ainda em posição enfática imediatamente antes da cesura de cada hexâmetro, o que reforça sua relação antitética.

No fragmento 2W, logo após a comparação da juventude com tudo o que é efêmero, passageiro como a primavera, as flores, os raios de sol que se espalham pela terra, está a consequência dessa fugacidade: a velhice, que é determinada

por uma das *Κῆρες*. Na ausência da juventude, segundo o poeta, é melhor morrer (v. 10), pois viver com os infortúnios da velhice é intolerável. Esse verso, o quinto pentâmetro, retoma o primeiro distico do fragmento 1W, enfatizando o caráter inverso da antítese vida x morte: a vida na velhice, sem prazer, sem amor, é revestida de negatividade, enquanto a morte é almejada quando finda a juventude. A partir do sexto hexâmetro do fragmento 2W, através do emprego anafórico do pronome *ἄλλος*, há uma enumeração dos aspectos negativos da velhice cuja caracterização constitui uma constante nos fragmentos de 1W a 6W.

O fragmento 1W mostra, a partir da cesura trocaica do terceiro hexâmetro a degradação da *dolorosa velhice* (*ζῶονηρόν γῆρας*) no plano físico através dos adjetivos *αἰσχρόν* e *κακόν*, que traduzem a feiúra e a deformidade do corpo. Os velhos estão normalmente sujeitos a doenças fatais, como evidencia, no fragmento 2W, verso 15, a qualificação de *νόσος* pelo adjetivo *θυμοφθόρον*, composto pelo substantivo *θυμός*, que significa vida, coração, vontade, e pelo radical do verbo *φθείρω* - corromper, destruir -, que, a partir da etimologia se traduz por doença *que corrompe totalmente o coração*. No fragmento 5W, verifica-se que a velhice, funesta (*ἐργαλέον*) e disforme (*ἄμορφον*), desfigura o homem, pois o torna irreconhecível (a partir do emprego do adjetivo *ἀγνωστον*) e

prejudica (βλάπτει) a visão e o espírito. Dessa forma, Mimnermo descreve-nos os males físicos da velhice, que deforma corpo e mente, tornando o homem feio, frágil e incapaz.

Em vista desses males, inúmeras preocupações acometem o espírito do velho, não mais existindo motivo para alegria e prazer: οὐδ' αὖτ' αὖτ' προσορῶν τέρεται ἥελίου (fr. 1W, v. 8) (não mais se alegra, ao contemplar os raios do sol.). E além de não ter prazer em viver, o idoso ainda é odiado e desprezado pelos filhos e pelas mulheres, como nos mostra o último distico. Segundo o poeta, na velhice, o homem não goza de nenhum privilégio, sobrando-lhe apenas as preocupações da vida. Os familiares não têm pelo velho respeito ou admiração. Esse tipo de conduta já aparece em *os Trabalhos e os Dias*, v. 185-187, de Hesíodo, no momento em que é abordado o mito das idades, especificamente a idade de Ferro, a quinta raça caracterizada pela corrupção moral e física dos homens:

αἶψα δὲ γηράσκοντες ἀτιμάσουσι τοκῆας·  
μέμνονται δ' ἄρα τοὺς χαλεποῖς βιάζοντες ἔπεισι,  
σχέτλιοι, οὐδὲ θεῶν ὄπιν εἰδότες οὐδέ κεν οἷ γε  
γηράντεσσι τοκεῦσιν ἀπὸ θρεπτήρια δοῖεν

desonrarão os pais tão logo envelheçam,  
e censurá-los-ão, insultando-os com duras palavras,  
cruéis, desconhecendo o olhar dos deuses,  
não darão aos velhos pais os alimentos.



Nos versos 271 a 278 da Teognídea, verifica-se que o desprezo é considerado o maior dos males da velhice:

ἴσως τοι τὰ μὲν ἄλλα θεοὶ θνητοῖς ἀνθρώποις  
γῆραῖς τ' οὐλόμενον καὶ νεότητ' εἶδον·  
τῶν πάντων δὲ κάκιστον ἐν ἀνθρώποις θανάτου τε  
καὶ πασέων νοῦσων ἐστὶ πονηρότατον·  
παῖδας ἐπεὶ θρέψαιο καὶ ἄρμενα πάντα παρσίαχοις,  
χρήματα δ' ἐγκαταθῆῖς πολλὰ δινηρὰ παιῶν,  
τὸν πατέρ' ἐχθαίρουσι, καταρῶνται δ' ἀπολέσθαι,  
καὶ στυγέουσ' ὥπερ πτωχὸν ἐσερχόμενον.

Igualmente outras coisas os deuses aos mortais concederam - a velhice perniciosa e a juventude, entre os homens, pior do que tudo e até da morte e a mais penosa de todas as doenças é: depois de teres alimentado os filhos, e provido de tudo e acumulado bens, tendo sofrido muitas aflições, os filhos abominam o pai, desejam que ele morra e odeiam-no, como um mendigo que bate à porta.

O próprio Mimnermo retoma esse τόπος no fragmento 3W, reiterando a falta de afeto, o menosprezo e a indiferença a que os velhos estão confinados:

Τὸ πρὶν εὖν κάλλιστος, ἐπὴν παραμείψεται ὥρη,  
οὐδὲ πατὴρ παισὶν τίμιος οὔτε φίλος.

Independente de uma juventude brilhante e belíssima, o homem, na maturidade, não recebe qualquer compensação: nem mesmo seus filhos o amam ou o honram.

Outro mal decorrente da velhice é a ruína da casa e a pobreza, como nos é mostrado no fragmento 2W, v. 12 - 13:

ἄλλος δ' αὖ παῖδων ἐπισεύεται, ὧν τε μάλιστα  
ἱμεύρων κατὰ γῆς ἔρχεται εἰς Αἴδην

Por não poder mais gerir seus bens, o idoso delega seus poderes aos sucessores e recolhe-se, vendo suas obras serem desfeitas. Alguns versos da Teognidea (versos 173-178, 179-180), apesar do enfoque diferente de Mimnermo, ou seja, de caráter eminentemente político, exemplificam bem o quanto é terrível viver na pobreza:

ἄνδρ' ἀγαθὸν πενίῃ πάντων δάμνησι μάλιστα,  
καὶ γήρως πολιοῦ Κύρνε καὶ ἠπιάλου·  
ἦν δὲ χρὴ φεύγοντα καὶ ἔς μεγαλήτεα πάντων  
ρίπτειν καὶ πετρέων Κύρνε κατ' ἡλιβαίῳι.  
καὶ γὰρ αἷρ πενίῃ, δεδμημένος οὔτέ τι εἰπεῖν  
οὔτ' ἔρξαι δύναται, γλῶσσαι δέ οἱ δέδεται.

(v. 173-178)

a pobreza submete, mais que tudo, o homem nobre, o Cirno  
mais que a velhice encanecida e a febre intermitente

Deve-se, ao fugir dela, lançar-se para o vasto mar  
do alto de rochedos escarpados;  
pois, o homem vencido pela pobreza não pode  
falar, nem trabalhar; sua língua está acorrentada.

χρὴ γὰρ ὁμῶς ἐπὶ γῆν τε καὶ εὐρέα νῶτα θαλάσσης  
δίξῃσθαι χαλεπῆς Κύρως λύσιν πενίης.

(v. 179-180)

Deve-se buscar sobre a terra e o vasto dorso do mar  
a libertação da dura pobreza, Cirno.

Assim, a velhice se apresenta, em oposição à radiosa  
juventude, repleta de infortúnios em todos os níveis.

Envelhecer, para Mimnermo, é o destino mais cruel  
para um mortal. Para mostrar o quão horrível é a velhice, o  
poeta evoca o mito de Titono e da deusa Aurora. Titono, filho  
de Laomedonte, rei de Troia, era um jovem belíssimo e sua  
beleza despertou na deusa Aurora intensa paixão. Esta, então,  
arrebatou o jovem amado e rogou a Zeus que lhe concedesse a  
imortalidade. Todavia, a deusa esqueceu de incluir em sua  
suplica a bênção da juventude eterna e, depois de algum tempo,  
começou a notar que seu amante estava envelhecendo. Quando os  
cabelos de Titono se tornaram inteiramente brancos, a deusa o  
desprezou, trancafiando-o em seu palácio, onde ele levou uma  
vida infeliz. A decrepitude de seu físico chegou a tal ponto

que foi necessário colocá-lo num berço de madeira, e os deuses, pesarosos, transformaram-no numa cigarra.

Τιθωνῶι μὲν ἔδωκεν ἔχειν κακὸν ἀφθιτον, < >  
γῆρας, ὃ καὶ θανάτου βίγγιον ἀργαλέον.

(Fragmento 4W)

Embora a velhice, nos versos de Mimnermo, esteja envolta num véu de negatividade que a torna tão desprezível e odiosa, nas epopéias homéricas, o velho é honrado e digno de respeito e consideração. Ora, sabe-se que palavra γῆρας (velhice) articula-se com γέρας, que possui o sentido específico de "privilegio da idade", ou seja, o direito de participar dum conselho:

Τὸν δ' ἡμεῖβει ἔπειτα γερῆνιος ἱππότης Νεστόρ·  
"Ατρεΐδῃ, μάλα μὲν τοι ἐγὼν ἐθέλοιμι καὶ αὐτὸς  
ὥς ἔμην ὥς ὅτε δῖον Ἑρηνθαλίῳσι κατέκταν·  
ἀλλ' οὐ πως ἅμα πάντα θεοὶ δοῶσι ἐνθρώποισιν·  
εἰ τότε κούρος ἔα, νῦν αὖτέ, με γῆρας ἱκάνει·  
ἀλλὰ καὶ ὥς ἱππεῦσι μετέδομαι ἦδ' ἐκαλεῖσθαι  
βουλῇ καὶ μύθοισι· τὸ γὰρ γέρας ἐστὶ γερόντων·  
αἰχμὰς δ' αἰχμαύσσουσι νεώτεροι, οἳ περ ἐμῷ  
ὀπλότεροι γεγάασι πεποίθασιν τε βίῃφι."

(*Iliada*, IV, 317-325)

Nestor, condutor de carros de Gerênia, respondeu:

"Atrida, eu gostaria, também, de ser como era

quando matei o divino Ereutalion;  
 mas os deuses jamais concedem aos homens tudo ao mesmo tempo.  
 Se eu era jovem então, agora me pesa a velhice.  
 Ainda assim ficarei entre os condutores de carros, e animá-los-ei  
 com conselhos e palavras: tal é o privilégio dos velhos.  
 A lança arremessarão os jovens, que, melhor do que eu,  
 carregam as armas, e se fiam em suas forças."

O personagem Nestor, rei de Pilos, um guerreiro já idoso, têm a experiência acumulada por muitos anos de vida e de batalhas, e, por esse motivo, mesmo não tendo mais o vigor físico ou o ânimo poderoso, próprios da juventude e tão necessários para a refrega, faz-se útil na função de hábil conselheiro, rememorando feitos do passado para sustentar seus argumentos. Nestor seria a voz da experiência:

(... ) τῷσι δὲ Νέστωρ  
 ἤνεπ' ἄνδρουσε, λιγύς Πυλίων ἀγορητής,  
 τοῦ καὶ ἀπὸ γλώσσης μέλιτος γλυκίων ῥέεν αὐδὴ·

(*Iliada*, 1, 247-249)

(... ) do meio de deles Nestor,  
 de amáveis palavras, ergueu-se rápido, o orador dos Pilios,  
 de cuja língua manava o discurso mais doce que o mel:

A velhice associada à experiência e à sabedoria é, sobretudo, enfatizada por Sólon no fragmento 18W:

γηράσκω δ' αἰεὶ πολλὰ διδασκόμενος

envelheço aprendendo sempre muitas coisas.

Também na elegia de temática guerreira, mostra-se o ancião com dignidade e respeito: os jovens devem defendê-los e não permitir que eles lutem, já que isso é tarefa para os jovens. Essa afirmação pode ser ilustrada pelos versos 19 - 27 do fragmento 10W de Tirteu, poeta elegíaco do século VII a.C.:

τοὺς δὲ παλαιότερους, ὧν οὐκέτι γούνατ' ἑλαφρά,  
μὴ καταλείποντες φεύγετε, τοὺς γεραιοὺς.  
αἰσχρὸν γὰρ δὴ τοῦτο, μετὰ προμάχοισι πεσόντα  
κεῖσθαι πρόσθε νέων ἄνδρα παλαιότερον,  
ἤδη λειμὸν ἔχοντα κάρη πολλιόν τε γένειον,  
θυμὸν ἀποπνεύοντ' ἄλκιμον ἐν κονίῃ,  
αἱματόεντ' αἰδοῖα φίλαις ἐν χερσὶν ἔχοντα -  
αἰσχρὰ τὰ γ' ὀφθαλμοῖς καὶ νεμεσητὸν ἰδεῖν,  
καὶ χρῶα γυμνωθέντα' .....

Não fujais, abandonando os mais velhos cujos joelhos

não são mais ágeis, os anciãos.

É vergonhoso que, no meio da vanguarda,

caindo o homem mais velho, com a cabeça já branca

e a barba grisalha, fique estendido diante dos jovens,

expirando, com as vergonhas cobertas de sangue nas mãos

- é vergonhoso aos olhos e indigno de se ver -

e nua a pele.

Mesmo com todo o apreço e honra conferidos aos velhos, eles não atuam no campo de batalha, pois já não possuem o vigor e a habilidade dos jovens.

Mimnermo enfatiza ainda mais a implacável chegada da velhice, o oposto da brilhante juventude que o tempo relega a um átimo, mostrando a personificação do destino a que todo mortal está fadado. O poeta, em oposição às referências acerca da juventude, expõe as *Kḗres*, símbolo dos destinos humanos: uma, portadora do fado da dolorosa velhice e a outra, a *Kḗr* da morte. As *Kḗres* apresentam-se no fragmento 2W (v. 5-7):

(     ) *Kḗres*: δὲ παρεστήκασι μέλαιнай,  
           ἧ μὲν ἔχουσα τέλος γήραος ἀργαλέον,  
           ἧ δ' ἑτέρη θανάτοιο.

Na *Iliada*, aparecem também duas *Kḗres*, tendo, entretanto, uma caracterização diversa das de Mimnermo: representavam elas o destino a que cada um estaria submetido, personificando não só o seu tipo de morte, mas também o gênero de vida que lhe devia ser atribuído. Essa afirmação pode ser comprovada com o fato de Aquiles poder escolher entre duas *Kḗres*: uma proporcionando uma vida longa em sua pátria, mas sem fama ou glória; e outra, pela qual o herói optou,

glorificando seu nome para todo o sempre, mas, com a morte no campo de batalha:

Μήτηρ γάρ τέ μέ φησι θεὰ Τέτις ἀργυρόπεζα  
 διχθαδίας κῆρας φερέμεν θανάτοιο τέλος δέ·  
 εἰ μὲν κ' αὖτις μένων Τρώων πόλιν ἀμφιμάχωμαι,  
 ὥλστο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται·  
 εἰ δ' ἐκεν οἴκαδ' ἵκωμι φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν,  
 ὥλστό μοι κλέος ἐσθλόν, ἐπὶ δὴρὸν δὲ μοι αἰὼν  
 ἔσσεται, οὐδέ κ' ἐμ' ὤκα τέλος θανάτοιο κιχείη.

(Iliada, IX, 410 -416)

Minha mãe, a deusa Tetis, de argênteos pés, diz-me  
 que duas Queres carregam o termo da morte:  
 se, aqui ficando, eu combater em torno da cidade dos troianos,  
 meu regresso estará perdido, mas minha glória será imortal;  
 se eu retornar para casa, para a querida pátria,  
 minha nobre glória morrerá, mas minha vida será longa,  
 e o termo da morte não me alcançará logo.

Enquanto as duas *Κῆρες* da poesia de Mímnermo são sucessivas e inevitáveis, na Iliada, são elas alternativas.

Hesíodo, na *Teogonia*, apresenta, primeiramente, *Κῆρ* como a negra filha da Noite, irmã de *Μόρος*, o quinhão, a parte que cabe a cada um (termo cognato de *μεῖρω* - dividir em partes), e de *Θάνατος*:

Νύξ δ' ἔτεκε στυγερόν τε Μόρον καὶ Κῆρα μέλαιναν  
 καὶ Θάνατον. (...)

(*Teogonia*, v. 211 -212)



A Noite pariu o hediondo Moros, a negra Quer e a Morte.

O mesmo Hesíodo, versos depois, (*Teogonia*, v.217 - 219) revela serem três as *Kḗres* irmãs das *Moĩrai*:

καὶ Μοίραις καὶ Κῆραις ἐγείνατο νηλεοποῖνους,  
[Κλωθὴ τε Λαχεσίη τε καὶ Ἀτροπος, αἵ τ' ἐβροτοῖσι  
γεινομένοισι διδοῦσιν ἔχει ἄγαθόν τε κακόν τε,]  
αἵ τ' ἀνδράων τε θεῶν τε παραιβασίας ἐρέπουσιν,  
οὐδέ ποτε λήγουσι θεαὶ δεινοῖο χόλοιο  
πρὶν γ' ἀπὸ τῇ δώσει κακὴν ὅπιν ὅς τις ἀμάρτη.

e (a Noite) gerou as Moiras e as Queres que punem sem dó,  
[Cloto, Laquesis e Atropo, que aos mortais logo  
nascidos concedem o bem e o mal,]  
elas perseguem as transgressões dos homens e dos deuses,  
e jamais descansam as deusas de terrível cólera  
antes que devolvam vingança maligna para aquele que erra.

As *Kḗres* são - aqui, portanto, irmãs das *Moĩrai*,  
filhas da tenebrosa Noite. Mas, no período clássico, as  
funções que as *Kḗres* exercem se confundem ora com as das  
Erinias, ora com as das *Moĩrai*. De qualquer forma, o epíteto  
*μέλαινα* (negra) já traduz o clima de mistério e de terror que  
as envolve.

Mimnermo então lamenta que essas negras *Kḗres*  
estejam sempre presentes e que a flor da juventude dure tão

pouco tempo. Mas essa fugacidade da juventude, juntamente com a sucessão da velhice, torna o poeta angustiado com seu destino, e, assim, prefere morrer aos sessenta anos, livre de doenças e de infortúnios da velhice, como revela o fragmento 6W:

*αἶ γὰρ ἄτερ νόσων τε καὶ ἀργαλέων μελεδωνέων  
ἑξηκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου,*

E interessante observar que Diógenes de Laércio cita esse fragmento logo após os versos de Sólon que constituem o fragmento 20W, mostrando que a tradição considera esses versos do poeta-legislador uma resposta a Mimnermo:

*ἀλλ' εἴ μοι καὶ νῦν ἔτι πείσεται, ἔξελε τοῦτο -  
μηδὲ μέγαίρ', ὅτι σέο λῶιον ἐπεφρασάμην -  
καὶ μεταποιήσου Λιγιστάδῃ, ὥδε δ' ἄειδε  
"ὀγδωκονταέτη μοῖρα κίχοι θανάτου".*

Mas, se ainda me prestas atenção, exclui isso -  
não me invejes, porque discorri melhor que tu -  
reformula, Ligiastades, e canta assim:

"que a moira da morte chegue aos oitenta anos."

Sólon parece criticar Mimnermo por ter fixado para vida um limite pouco elevado. Sem se importar com os problemas decorrentes da idade avançada, como já foi dito na

página 56, considera a vida como uma fonte incessante de experiências. Entretanto, Mimnermo não exalta os pontos positivos da velhice, como faz Sólon, e já que não pode mudar a ordem do mundo, anulando os efeitos da velhice, apenas sobra o desejo de morrer logo que todo o viço da juventude se esgote.

A morte, assim encarada como linimento, ou mesmo libertação para os sofrimentos decorrentes da velhice, difere da finalidade e significado da morte em Homero e nos elegíacos Calino e Tirteu, que também seguem a tradição homérica. Para esses poetas, a morte em combate dignifica o guerreiro e representa o *τέλος* - a realização plena - da sua *ἀρετή*, ou seja, de sua bravura na guerra. Essa morte confere então a imortalidade da memória do herói:

καὶ τύμβος καὶ παῖδες ἐν ἀνθρώποις ἀρίστημοι  
καὶ παίδων παῖδες καὶ γένος ἐξοπίσω  
οὐδέ ποτε κλέος ἐσθλὸν ἀπόλλυται οὐδ' ὄνομα αὐτοῦ,  
ἀλλ' ὑπὸ γῆς περ εὖν γίνεται ἀθάνατος,  
οὐτὶν' ἀριστεύοντα μένοντά τε μαινόμενον τε  
γῆς περὶ καὶ παίδων θοῦρος Ἄρης ὀλέσσει.

(Tirteu, fr. 12W, v. 29-34)

O seu túmulo e os seus filhos entre os homens serão notáveis,  
e também os filhos de seus filhos e toda sua descendência.  
Jamais sua nobre glória perece nem seu nome,

mas mesmo estando sob a terra, torna-se imortal  
aquele que o impetuoso Ares perder, ao superar os demais,  
ao resistir e combater pela pátria e pelos filhos.

No entanto, a questão da imortalidade e da glória de um renome não preocupa a Mimnermo, que prefere a morte, seja de que tipo for, à velhice desafortunada, como é expresso em alguns de seus versos. Já no início do segundo verso do fragmento 1W, o poeta manifesta o desejo de morrer quando o amor não mais lhe despertar interesse, através da forma de optativo perfeito do verbo *θυήσκω* na primeira pessoa do singular - *τεθναίην*, conferindo ao poema um tom desiderativo. Da mesma forma, no quinto distico do fragmento 2W, há uma preferência pela morte em detrimento da vida desafortunada proporcionada pela velhice:

*αὐτὰρ ἐπὴν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται ὥρης,  
αὐτίκα δὲ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίος*

A comparação feita entre a velhice e a morte no único pentâmetro do fragmento 4W resume o seu horror pela velhice:

*γῆρας, δὲ καὶ θανάτου ῥίγιον ἀργαλέον.*

O comparativo neutro *ψίγιον*, derivado do substantivo *ψίγος*, -ους, frio, gelo, tem a acepção de *mais terrível*, guardando ainda o sentido metafórico da fria morte.

Assim, para Mínermo, enquanto a juventude traduz vida em plenitude e amor, a velhice, com seus infortúnios, constitui um fardo mais insuportável do que a própria morte, que, nesse caso, transforma-se num bem, por trazer um alívio para todo sofrimento. Isso porque, já que a realidade, representada pela velhice, é algo inevitável, a evasão constitui uma saída para o conflito estabelecido entre a busca pelos prazeres proporcionados pela juventude e a real impossibilidade de se satisfazer tais vontades.

## 4.2 - A temática histórica e mitológica

Alguns dos fragmentos de Mimnermo apresentam uma temática bastante diversa dos temas do amor e da antinomia juventude - velhice. Mimnermo cantou também a história das cidades de Colofon e de Esmirna como atestam os fragmentos 9W, 10W, 13W, 14W. Dessa maneira, ao tratar das invasões lídias ao território de Esmirna e da colonização de Colofon, a história da πόλις serve de matéria literária ao poeta.

Estrabão, 14, 634, numa de suas exposições acerca das cidades jônicas e dos costumes e tradições de sua população, menciona, como já foi tratado em 2.1., que Mimnermo compôs versos acerca da conquista de Esmirna, reunidos no livro intitulado *Nanno*:

ἀπελθόντες δὲ παρὰ τῶν Ἑρεαίων οἱ Σμυρναῖοι  
στρατεύουσιν ἐπὶ τὸν τόπον, ἐν ᾧ νῦν ἔστιν ἡ  
Σμύρνα Λελέγων κατεχόντων· ἐκβαλόντες δ' αὐτοὺς  
ἐκτίσαν τὴν παλαιὰν Σμύρναν ... ὕστερον δὲ ὑπὸ  
Αἰολέων ἐκπεσόντες κατέφυγον εἰς Κολοφῶνα καὶ μετὰ  
τῶν ἐνθενδε ἐπιόντες τὴν σφετέραν ἀπέλαβον καθάπερ  
καὶ Μίμνερμος ἐν τῇ Ναννοῖ φράζει, μνηθεὶς τῆς  
Σμύρνης ὅτι περιμάχης αἰεί·

tendo-se separado dos Efésios empreenderam os Esmirneus uma expedição para a conquista do lugar onde agora se ergue Esmirna e que até então os Lélegos ocupavam; e, expulsos estes, fundaram a velha Esmirna ... Posteriormente, (os esmirneus) expulsos pelos eólios, refugiaram-se em Colofon e com estes, marchando, recuperaram sua pátria, como Mimnermo diz em *Nanno* ao se recordar de Esmirna, que foi sempre disputada.

Segundo o geógrafo grego, os jônios que viviam em Efeso conquistaram a região habitada pelos cários, também conhecidos por lélegos (cf. Heródoto I, 171), fundando a cidade de Esmirna. Segundo Podlecki (1984, p. 58), Esmirna teria sido fundação eólica e foi tomada pelos jônios posteriormente. Baseia-se essa informação no fragmento 9W:

Αἰπὸν < > τε Πύλον Νηληϊῶν ἄστυ λιπόντες  
 ἱερτὴν ᾠαίνην νηυσὶν ἀφικόμεθα,  
 ἐς δ' ἐρατὴν Κολοφῶνα βίην ὑπέροπλον ἔχοντες  
 ἐζόμεθ' , ἀργαλέης ὕβριος ἡγεμόνες·  
 κεῖθεν † διαστήεντος ἀπορνήμενοι ποταμοῖο  
 θεῶν βουλῇ Σμύρνην εἵλομεν Αἰολίδα.

No último verso desse fragmento, há indícios de que Esmirna tenha sido dominada pelos eólios, um dos grupos de indo-europeus que imigraram para região dos Balcãs e que

contribuíram para a formação do povo grego. Sabe-se que esses grupos de raça ariana estabeleceram-se no território grego em levadas sucessivas a partir do século XX a.C. Os primeiros a chegar foram os Aqueus que ocuparam principalmente a parte continental europeia, formando posteriormente a civilização micênica. Os Jônios, depois, ocuparam a Beócia e o Peloponeso por algum tempo. Mais tarde o seu domínio restringiu-se à Ática e à Eubéia, além deles terem se estabelecido em algumas das Cícladas e de terem chegado à Ásia Menor, fundando várias cidades na região em que no período histórico seria conhecida como Jônia. Também os Eólios, nome dado aos Aqueus do norte e nordeste da Grécia continental, tendo se estabelecido nas planícies férteis da Tessália e Beócia, rumaram principalmente para a ilha de Lesbos e para a costa norte da Ásia Menor, o que explica a origem eólica da cidade de Esmirna.

Mimnermo também pôs em relevo a fundação da cidade de Colofon, como se verifica no fragmento 10W através do informe de Estrabão, revelando inclusive o nome do fundador de Colofon, Pílio, filho de Andraimôn.

O poeta, ao retratar o passado de sua *polis*, pode também ter feito composições enfocando acontecimentos contemporâneos, porém não há nenhum fragmento que mostre essa preocupação com o tempo presente da sua cidade. De qualquer forma, o fragmento 10W demonstra que Esmirna foi conquistada



pelos colofônios, colonizando-a e estabelecendo laços entre as duas cidades. Isso representa apenas um indicio do processo de colonização grega verificada nos séculos VIII e VIIa.C., quando as cidades-estados já estabelecidas, por várias razões, fundaram colônias no Mar Egeu e no Mediterrâneo, expandindo para além dos limites do Balcãs o mundo grego.

Na época de Mínermo, século VII a.C., essa expansão colonial ainda se processava com grande força. A necessidade de se estabelecerem rotas comerciais, a falta de terras e crises políticas e econômicas internas constituíram os prováveis motivos que levaram os gregos a fundarem colônias. Essas colônias apresentam-se, ao contrário do que se poderia esperar, independentes politicamente da metrópole. Como colônias de povoamento constituíam-se uma extensão da própria metrópole. As primeiras colônias estabelecidas cultivaram sobretudo a agricultura. Posteriormente, estabeleceu-se um comércio entre as metrópoles e as colônias com terras ricas em matérias-primas, e o mar, que circundava muitas delas, foi a via de escoamento desses materiais. Alguns habitantes de Colofon, durante os primeiros movimentos expansionistas dos séculos VIII e VII a. C., estabelecem-se em Síris, colônia situada no Golfo de Tarento, o que mostra que Colofon nessa época já estava irradiando novas colônias.

Assim, Mimnermo, como os demais poetas de sua época, fala de sua πόλις, mas, pelos poucos fragmentos que nós chegaram, o poeta parece referir-se, como dito anteriormente, somente ao passado tanto de Colofon quanto de Esmirna. São as primeiras invasões lídias ao território de Esmirna as que parecem constituir assunto de elegias do poeta, como já foi tratado em 2.1., pois Mimnermo, no fragmento 14W fez referência a seus prováveis antepassados. Corrobora esta afirmativa a informação de Pausânias, 9. 29. 4, que Mimnermo compôs elegias acerca da luta dos esmirneus contra Gyges e os lídios. Tal informação compõe o fragmento 13W, mas, nenhum verso da provável obra intitulada *Esmirneida* chegou até nós. Convém lembrar que Gyges, o primeiro dos Mermnadas, como cita Heródoto, apenas organizou uma expedição às cidades de Mileto e Esmirna, pressupondo ter havido resistência dos seus habitantes. E a esta resistência heroica que Mimnermo parece fazer referência no fragmento 14W, ao cantar sobre um poderoso guerreiro que se lançou heroicamente para a batalha, lutando com furor contra os lídios.

οὐ μὲν δὴ κείνου γε μένος καὶ ἀγήνορα θυμὸν  
 τοῖον ἐμέο προτέρων πεύθεσθαι, οἳ μιν ἴδον  
 Λυδῶν ἱππομάχων πυκινὰς κλονέοντα φάλαγγας  
 Ἑρμιον ἄμ πεδίου, φῶτα φερεμμελίην·  
 τοῦ μὲν ἄρ' οὐ ποτε πάμπαν ἐμέμψατο Παλλὰς Ἀθήνη

ὄριμ' ἔμνος κραδίης, εὐθ' ὅ γ' ἀνὰ προμάχους  
 σεύαιθ' αἵματόεντος ἐν ὕσμίνῃ πολέμοιο,  
 πικρὰ βιαζόμενος δυσμενέων βέλεα  
 οὐ γάρ τις κείνου δῆλ' ἔτ' ἀμεινότερος φῶς  
 ἔσκειν ἐποιχεσθαι φυλόπιδος κρατερῆς  
 ἔργον, ὅτ' αὐγῇσιν φέρετ' ὥκεός ἡελίοιο

Quanto à segunda invasão dos lídios, ao que tudo indica, remonta à época do poeta quando Alyata, quarto sucessor da dinastia dos Mermnadas, assenhora-se finalmente da cidade de Esmirna.

Há referências de que Mimnermo também compôs elegias de conteúdo mitológico, explorando poeticamente narrativas míticas como o mito de Jasão e o velocino de ouro e a jornada incansável do sol, das quais só foram conservados poucos disticos.

De todos os fragmentos de temática mitológica, apenas os fragmentos 11W, 11aW e 12W apresentam versos do poeta. Os demais constituem-se de informações acerca da produção de Mimnermo: no fragmento 13W, tem-se uma referência às Musas; em 18W, há um informe de que Mimnermo referiu-se ao herói troiano Daites; a opinião do poeta acerca do número dos filhos de Niobe comparada à de outros poetas encontra-se no fragmento 19W; o fragmento 21W contém informes acerca da

versão de Mimnermo para o destino final de Ismena, irmã de Antígona; finalmente, o fragmento 21aW refere-se a um provérbio citado por Mimnermo relacionado ao mito das amazonas.

O mito de Jasão e a lendária expedição para a busca do velocino de ouro, como todos os mitos do ciclo heróico, constituíram matéria literária para muitos poetas. De todas as obras que trataram desse mito, a mais completa é o poema épico alexandrino *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodas, onde o poeta aproveita o argumento da expedição à Colquida para descrever a geografia de todos os lugares por onde os lendários marinheiros passaram, satisfazendo o gosto pela erudição tão em voga em sua época. Associado ao mito de Jasão emerge o tema dos amores do herói e de Medeia, cuja lenda Píndaro canta ao celebrar o vencedor dos jogos píticos, o rei de Cirene, Arcesilau, na quarta Pítica. Também o trágico Eurípides, em *Medeia*, ao privilegiar a temática do amor-paixão entre a jovem da Colquida e Jasão, aborda a empresa deste em busca do velo de ouro. Os poucos versos de Mimnermo que foram conservados a respeito desse mito não revelam como o poeta se utilizou desse tema. Sabe-se apenas, segundo Estrabão, que o poeta, através de alguma elegia na qual o mito era abordado, faz a descrição de regiões do Oriente, distantes e desconhecidas. Desses informes valeram-se, afirma ainda o geógrafo, escritores posteriores.

Assim, no fragmento 11W, Estrabão, ao citar dois disticos de Mimnermo, comenta a importância dos testemunhos do poeta acerca da expedição de Jasão para o conhecimento de regiões distantes e de condições de navegação.

εἰ δὲ ὥπερ ὁ Σικήσιος φησι παραλαβὼν μάρτυρα  
 Μίμνερμον, ὅς ἐν τῷ ὠκεανῷ ποιήσας τὴν οὐκην τοῦ  
 Αἰήτου πρὸς ταῖς ἀνατολαῖς ἐκτὸς πεμφθῆναί φησιν  
 ὑπὸ τοῦ Πελίου τὸν Ἰάσονα καὶ κομίσει τὸ θέρος, οὐτ'  
 ἂν ἢ ἐπὶ τὸ θέρος ἐκεῖσε πομπὴ πιθανῶς λέγοιτο εἰς  
 ἀγνώτας καὶ ἀφανεῖς τόπους, οὐθ' ὁ οὐ ἐρήμων καὶ  
 ἀοίκων καὶ καθ' ἡμᾶς τρῶσόντων ἐκτετοπισμένων πλοῦς  
 οὐτ' ἐνδοξος οὔτε πταιμένων.

(Estrabão, 1. 2. 40 (apud IAMBI (1992)p. 88))

"se como disse Demetrius de Skepsis, acolhendo como testemunho Mimnermo, que tendo imaginado a casa de Eetes no oceano alem do oriente, diz que Jasão foi enviado para longe por Pelias para arrebatat o velo, não se poderia dizer que a viagem para lugares desconhecidos e secretos com o fim de tomar o velo foi plausivel, nem que a navegação, atraves de desertos e regiões inabitáveis, tão afastadas de nós, foi gloriosa, ou famosa em todo o mundo."

Nos quatro versos que compõem esse fragmento, Mimnermo parece resumir o mito de Jasão, enfatizando o objetivo da expedição - o arrebatamento do velo de ouro -, o motivo

dessa viagem - a desmedida de Pélías - e a expedição propriamente dita, penosa e difícil, porém bem sucedida:

οὐδέ ποτ' ἂν μέγα κῶας ἀνήγαγεν αὐτὸς Ἴησων  
 ἐξ Αἴης τελέσας ἀλγινόεσσαν ὁδόν,  
 ὑβριστῇ Πελλίῃ τελέων χαλεπῆρες ἀέθλων,  
 οὐδ' ἂν ἐπ' Ὀκεανοῦ καλὸν ἵκοντο ῥόον.

As linhas gerais desse mesmo mito também encontram-se na *Teogonia*, onde o mesmo epíteto -υβριστής- é atribuído ao usurpador do trono de Iolcos, Pélías:

Κούρην δ' Αἰήταις διοτρεφέας βασιλῆος  
 Αἰσουλῶς βουλήσι θεῶν αἰεγενετῶν  
 ἦγε παρ' Αἰήτῳ, τελέσας στυγέρας ἀέθλους,  
 τοὺς πολλοὺς ἐπέτελλε μέγας βασιλεὺς ὑπερῆνωρ,  
 ὑβριστὴς Πελλίης καὶ ἀτάσθαλος ὀβριμοεργός  
 τοὺς τελέσας ἐς Ἴωλκὸν ἀφίκετο πολλὰ μογήσας  
 ὠκείης ἐπὶ νηὸς ἄγχι ἐλικώπιδα Κούρην  
 Αἰσουλῶς, καὶ μιν θαλερὴν ποιήσας ἄκοιτιν.

(*Teogonia* v. 992-999)

A filha de Eetes, rei sustentado por Zeus,  
 O Esonida, por designios dos deuses imortais,  
 levou-a de junto de Eetes, após cumprir dolorosas provas,  
 as muitas impostas pelo grande e arrogante rei,  
 o desmedido Pélías, furioso e terrível.  
 Ao tê-las terminado, depois de muito penar, o Esonida  
 voltou a Iolcos, conduzindo no seu rápido navio,  
 a moça de vivos olhos, e tornou-a sua florescente esposa.

O rei Pélias, tendo usurpado o trono de seu irmão Esão, impõe ao herdeiro legítimo, seu sobrinho Jasão, a tarefa de buscar o velocino, sabendo das condições quase impossíveis da expedição, esperando assim que ele perecesse. Jasão acolheu a idéia e tratou logo de fazer os preparativos para a expedição. Incumbiu Argos de construir uma embarcação capaz de transportar cinquenta homens e deu-lhe, depois de pronta, o nome de Argo em homenagem ao construtor. E também interessante ressaltar a correlação entre o substantivo ἄργυρος e o adjetivo ἄργος, -ή, -όν. Tem o adjetivo o sentido primeiro de "brilhante" e o sentido conotativo de "rápido", acepção advinda da relação entre a idéia de luz e velocidade. Assim o nome Ἄργον revela as devidas qualidades desse navio. Jasão convidou para participarem da empresa todos os jovens gregos amantes de aventuras, muitos dos quais tornaram-se depois conhecidos entre os heróis e semideuses gregos. Entre os mais famosos argonautas, encontram-se Hércules, Teseu e Orfeu. O navio Argo, com sua tripulação de heróis, deixou a costa da Tessália e, depois de tocar na ilha de Lemnos, fez a travessia para a Mísia e dali passou à Trácia, onde os argonautas encontraram o sábio Fineu e dele receberam instruções sobre o futuro curso. Passaram pelas Simplégades, as ilhas rochosas flutuantes, na entrada do Ponto Euxino e chegaram ao reino da Cólquida.

Na Colquida, Jasão transmitiu sua mensagem ao rei Eetes, que concordou em desistir do Velocino de Ouro, se Jasão, por sua vez, concordasse em realizar algumas provas para mostrar o seu merecimento. No entanto, só poderia vencer as provas se obtivesse os favores de Medéia, filha de Eetes, a que prometeu casamento, invocando por juramento a deusa Hécate, quando se encontravam diante de seu altar. Medéia cedeu e, graças à sua ajuda, Jasão conseguiu realizar as tarefas. Depois de arrebatado o velocino, Jasão, acompanhado dos amigos e de Medéia, rumou para a Tessália.

O mito de Jasão e o velocino de ouro liga-se ao mito do Sol na medida em que o rei Eetes e, consequentemente, Medéia são descendentes desse deus. Além disso, como a Colquida situa-se no Oriente, o poeta a estabelece como o berço do brilhante Sol. É interessante notar que no fragmento 11aW é estabelecida claramente essa relação:

Αἰήταιο πόλιν, τόθι τ' ὤκεος Ἡελίοιο  
 ἀκτῖνες χρυσέῳ κείαται ἐν θαλάμῳ  
 ὤκεανός παρὰ χεῖλος, ἵν' ὤχετο θεῖος Ἴήρων.

No fragmento 12W, Mimnermo põe em relevo a viagem cíclica do sol, descrevendo o momento de descanso do brilhante deus após um dia de trabalho em que retorna reclinado num leito de ouro lavrado por Hefesto ao ponto de partida de sua jornada



diária, no leste. Essa descrição alude ao efeito provocado pelo movimento de rotação da Terra que é responsável pelos dias e pelas noites.

Ἡέλιος μὲν γὰρ ἔλαχεν πόνον ἥματα πάντα,  
 οὐδέ ποτ' ἄμπανσις γίνεσθαι οὐδεμία  
 ἵπποισιν τε καὶ αὐτῶι, ἔπην ῥοδοδάκτυλος Ἥως  
 Ὠκεανὸν προλιποῦσα οὐρανὸν εἰσαναβῆι.  
 τοῦ μὲν γὰρ διὰ νῆμα φέρει πολυήρατος εὐνὴ,  
 ποικίλη, Ἡφαίστου χερσὶν ἑληλαμένη,  
 χρυσοῦ τιμήεντος, ὑπόπτερος, αἴρου ἔφ' ὕδωρ  
 εὐόουθ' ἀρπαλέως χάρον ἀφ' Ἑσπερίδων  
 γαῖαν ἐς Αἰθιοπίων, ἵνα δὴ θοὸν ἄρμα καὶ ἵπποι  
 ἑσπᾶσ', ὄφρ' Ἥως ἡριγένεια μῶληι  
 εὐθ' ἐπέβη ἑτέρων ὀχέων Ὑπερίονος υἱός.

Hélio costuma ser representado como um jovem na força da idade e de grande beleza. A cabeça estava circundada por raios que formavam uma espécie de cabeleira de ouro. Precedido pela Aurora, sua irmã, percorria o céu num carro de fogo puxado por cavalos rapidíssimos em direção ao país das Hespérides, ninfas que habitavam uma ilha de mesmo nome, no ponto mais ocidental, até então, do Oceano. De lá retornava em repouso ao Oriente, de onde partia novamente radiante no dia seguinte, numa rotina incansável. Segundo Hesíodo, Hélio pertence à geração dos Titãs, pois seu pai, Hiperião e sua mãe Theia eram filhos de Urano e Gaia. Além de ter-se unido a outras

mulheres, Hélios, do casamento com Perseida, teve quatro filhos: Circe, Eetes, Pasifae e Perses. Seus filhos e toda a sua descendência sofrem de uma maldição lançada por Afrodite por ter sido Hélios o responsável pela divulgação do seu adultério com Ares, o deus da guerra, como Homero nos canta com humor na *Odisseia* (VIII, 267-267). E por essa maldição que Medéia, neta desse deus, sofre ao ser desprezada por Jasão, seu esposo amado. É possível que Mimnermo tenha cantado sobre o amor de Jasão e da jovem Medéia ao se reportar ao mito do velocino de ouro, mas não nos chegou nenhum fragmento que evidenciasse a relação desse mito com um tema amoroso.

Encontram-se, entretanto, referências mitológicas no proêmio de elegias de caráter histórico, conforme nos diz Pausânias 9, 29, 4, em que o poeta faz distinção entre duas gerações de Musas: as mais antigas, filhas de Urano e as mais novas, filhas de Zeus. Hesíodo considera as Musas filhas de Zeus e de Mnemósine:

ταῦτ' ἄρα Μοῦσαι θεῶν Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσιν,  
 ἐννέα θυγατέρες μεγάλου Διὸς ἐκγεγαυῖαι,  
 Κλειώ τ' Εὐτέρπη τε Θάλεια τε Μελπομένη τε  
 Τερψιχόρη τ' Ἑράτω τε Πολύμνιά τ' Οὐρανίη τε  
 Καλλιόπη θ' ἣ δὲ προφερεστάτη ἐστὶν ἀπασέων.

(*Teogonia*, v. 75 -79)

Tais coisas as Musas, habitantes do palácio olímpio,

cantavam as nove filhas nascidas do grande Zeus:

Clio, Euterpe, Thalia, Melpômene,  
Terpsicore, Erato, Polymnia, Urânia e  
Caliope, que dentre todas é superior.

Essa genealogia é a mais tradicional, pois parecem ser poucos os poetas, dentre os quais estão Mimnermo e Alcman, que mostram as Musas como filhas de Urano e Gaia, conforme o fragmento 13W.

Esse tipo de divergência entre os poetas parece ser uma constante, pois em outro fragmento, o 19W, há uma referência de que Mimnermo, Hesíodo e Píndaro discordam a respeito do número de filhos de Niobe, filha de Tântalo e irmã de Pélops. Niobe, tendo-se gabado de que era superior a Letô, recebeu como vingança a sua ofensa a morte de todos os seus filhos: os rapazes foram alvejados por Apolo e as moças, por Artemis. Os filhos de Niobe ficaram sem sepultura, segundo a *Iliada* (XXIV, 599), durante dez dias, e no décimo primeiro, os próprios deuses os enterraram.

O fragmento 21W trata da morte de Ismena, irmã de Antígona, sobre a qual haveria duas versões. Uma diz que as duas irmãs teriam sido queimadas no templo de Hera por Laodamante, filho de Etéocles; e a outra, á qual Mimnermo fez referência, afirma que Ismena foi morta por Tideu, durante um encontro amoroso entre ela e Theoclymeno, um jovem tebano.

Merece referência, ainda, o informe de Zenóbio (fr. 21aW) de que Mimnermo, ao mencionar o provérbio "ἄριστα χυλὸς οἶψι:" em algum lugar de sua obra, pode ter abordado o mito das Amazonas, mulheres guerreiras que viviam nas planícies da margem esquerda do Danúbio, vizinhas dos Citas. Elas se governavam sem a ajuda de homens, unindo-se a eles de vez em quando para garantir a perpetuação da raça. Mutilavam ou cegavam as crianças do sexo masculino, conservando apenas as meninas a quem amputavam um dos seios para que pudessem manejar o arco habilmente. Na *Iliada*, VI, 186, no episódio em que Glauco e Diomedes se reconhecem no campo de batalha, há uma referência a essas lendárias guerreiras:

Τὸ τρίτον αὖ κατέπερνε Ἀμαζόνιας ὀντιανεΐρας

Em terceiro lugar, matou as viris Amazonas

Entretanto, não é possível afirmar se o tom do provérbio citado por Mimnermo é amoroso ou irônico já que desconhecemos o contexto em que a expressão é empregada.

No fragmento 18W, há uma citação de Ateneu de que Mimnermo teria feito referência a Daïtes (Δαίτης), herói troiano, possivelmente o personagem-figurante da *Iliada* VIII, v. 275, Daitor (Δαίτωρ). Acerca desse fragmento, a tradição não faz nenhum comentário.

### 4.3 - Outros Fragmentos

Depois de isolados os fragmentos de temática amorosa e de temática histórica e mitológica, ainda sobram uns poucos fragmentos que não podem ser classificados num grupo definido, pois alguns dos versos de Mimnermo foram citados em gramáticas e léxicos priorizando assim a parte linguística sem se importar com o seu conteúdo temático.

O fragmento 7W, citado na Antologia Palatina 9, 50, com a indicação: Μιμνέρμου \* παραίνεσις εἰς τὸ θυέτω ζῆν.  
(Trad.: De Mimnermo: recomendação para viver com liberdade)  
e atribuído ao poeta Mimnermo:

σὺν αὐτοῦ φρένα τέρπε' θυσηλέγων δὲ πολιτέων  
ἄλλός τις σε κακῶς, ἄλλος ἄμεινον ἐρεῖ.

Esses mesmos versos fazem parte da Theognidea, v. 795-6 na edição de West, apresentando algumas poucas alterações:

τὴν σαυτοῦ φρένα τέρπε' θυσηλέγων δὲ πολιτῶν  
ἄλλός τοί σε κακῶς, ἄλλος ἄμεινον ἐρεῖ.

Alegre teu coração: dentre os cruéis cidadãos,  
um falará mal de ti; outro, melhor.

Esse distico trata da opinião publica que muitas vezes se divide: uns falam mal, outros bem. O emprego do adjetivo *δυσηλέων*, que pode ser traduzido por *cruéis*, a partir de sua etimologia (*δυσ* - prefixo que traz idéia de dificuldade; *ἄλγος*, que indica sofrimento, dor), intensifica o fato da opinião dos cidadãos poder causar injustiças, por nem sempre corresponder á verdade, já que é totalmente arbitrária. A esse respeito, Arquiloco de Paros também fez um julgamento semelhante, ao dizer que ninguém pode viver completamente, preocupando-se com as repreensões do povo:

Αἰσιμίῳ, δήμου μὲν ἐπίρρησιν μελεδαίνων  
οὐδείς ἂν μάλα πολλὰ ἱμερόεντα πάθοι.

(Arquiloco, fr. 14W)

Esimide, preocupando-se com a repreensão do povo  
ninguém poderia gozar completamente muitas coisas desejáveis.

O fragmento 8W citado por Estobeu (3. 11. 12)  
refere-se a *ἀληθεία*:

ἀληθείη δὲ παρέστω  
σοὶ καὶ ἐμοί, πάντων χρῆμα δικαιότατον.

a verdade esteja presente  
para ti e para mim, o bem mais justo de todos.

Nesses versos, há a associação da verdade, que está sempre presente, à justiça. Assim, Mimnermo, ao caracterizar a verdade como o bem mais justo de todos, parece imbuir sua poesia de um caráter moral, que não constituiu uma tônica em sua produção. A palavra ἀλήθεια, cuja raiz λαθ- é a mesma da do verbo λανθάνω -esconder, significa, pela etimologia, *aquilo que não pode ser escondido*. Dai o sentido usual estar relacionado à palavra *verdade*.

Compõem os fragmentos 15W e 16W versos que serviram como exemplificação da palavra βᾶξις nos léxicos etimológicos Magnum e Genuinum.

De acordo com o verbete, a palavra βᾶξις significa φήμη (fama) ou ῥῆσις (discurso). Assim, citam-se como exemplo dois versos do poeta Mimnermo:

καί μιν ἐπ' ἀνθρώπους βᾶξις ἔχει χαλεπή.

(fr. 15W)

ἀργαλέης αἰεὶ βᾶξις ἔμμενοι.

(fr. 16W)

O fragmento 15W corresponde à exemplificação do sentido primeiro da palavra βᾶξις equivalente a φήμη (fama). No segundo exemplo, o significado dessa palavra, em genitivo (βᾶξις), corresponde a ῥῆσις - discurso, palavra.

O fragmento 17W foi constituído a partir de um escólio da *Iliada*, referente ao verso 287 do canto XVI, onde se menciona que a Peónia possui uma famosa raça de cavalos. A referência de Mimnermo aos famosos cavalos desse povoado da Macedónia coaduna-se com o que é dito na *Iliada* (XVI, 287) sobre os guerreiros peónios:

Πάτροκλος δὲ πρῶτος ἀκόντιζε δοῦρ' ὀφεινῶ  
 ἀντικρὺ κατὰ μέσσον, ὅθι πλεῖστοι κλονέοντο,  
 νηὶ παρὰ πρυμνῇ μεγαθύμου Πρωτεσίλαου,  
 καὶ βάλε Πυραΐχμην, ὃς Παιόνας ἑπποκορυστὰς  
 ἤγαγεν ἐξ Ἀμυδῶνος ἀπ' Ἀχαιοῦ εὐρὺν ῥέοντος·

Patroclo foi o primeiro a lançar o brilhante virote  
 direto no meio, onde agitavam-se em maior número,  
 junto à superior nave do magnânimo Protesilaos,  
 e atingiu Pyrechme, que os cavaleiros encorajados da Peónia  
 conduzira de Amídon a partir do rio Áxio, de largo curso



## 5 - RESSONÂNCIAS DA POESIA DE MIMNERMO

O decorrer implacável do tempo, que tudo transforma, foi sempre objeto de preocupação para o ser humano. Essa constatação provoca uma angústia que varia de intensidade de acordo com o entendimento de cada indivíduo. Também os prazeres da vida, dentre eles o amor, constituem preocupações de todo homem. Assim, alguns poetas, dentre eles Mimnermo, buscaram expressar, em seus versos, esses sentimentos e preocupações comuns ao gênero humano.

Os temas do amor e da fugacidade da juventude, recorrentes na obra de Mimnermo, podem ser, pois, considerados universais, pois têm sido focalizados sob vários prismas por muitos poetas em diversas épocas. Alguns poetas da Antiguidade, que conheceram sua obra, seguiram-lhe os passos; outros, de épocas posteriores, desenvolveram esses temas, de modo diverso, mas sempre expressando a angústia motivada pela certeza da brevidade do tempo, que reduz os momentos felizes destinados ao gozo dos prazeres da vida.

Um dos poetas que elegeram Mimnermo como modelo foi Antimaco de Colofon, poeta do século IV a. C., que reuniu elegias de caráter mitológico num livro intitulado *Lyde*, tal

como Mimnermo em *Nannō*. Para esse fato pode-se invocar o testemunho do poeta alexandrino Posidipo, que num de seus epigramas faz referência aos dois poetas e a suas musas:

Νειννοῦς καὶ Λύδης ἐπὶ χεὶ δύο, καὶ τρεπελάτου  
Μιμνέρμου καὶ τοῦ σώφρονος Ἀντιμάχου.

Posidippus. epigr. 9. 1-2 (Anth. Pal. 12. 168)

A *Nannō* e a *Lyde*, brinda às duas, uma do arrebatador  
Mimnermo, a outra do sensato Antimaco

Dentre os fragmentos elegíacos de Antimaco, não se conhece nenhum que pareça seguir a temática amorosa de Mimnermo. Os fragmentos provenientes de *Lyde* dizem respeito apenas a temas mitológicos, como os mitos de Jasão e Medéia e os Argonautas.

Quanto à temática amorosa, podem-se citar os versos do poeta Simônides de Ceos que, à maneira de Mimnermo no fragmento 1W, enfatiza a importância dos prazeres na vida, usando a mesma técnica de interrogação retórica:

τίς γὰρ ἀόονās ἄτερ  
θνατῶν βίος ποθεινός ἢ ποῖα τυραννίς;  
τᾶσδ' ἄτερ οὐδὲ θεῶν ζαλωτὸς αἰών,

(fr. 71. Edmonds (1964))<sup>3</sup>

<sup>3</sup> LYRA GRAECA (1964) v. II, p. 322.

Que vida humana, que poder,  
 é desejado sem prazer?  
 Sem ele a eternidade dos deuses não é invejada

Dentre os poetas latinos, foi Quinto Horácio Flaco, aquele que sem dúvida conheceu melhor a obra de Mímerno. Horácio, ao dar um conselho a Numício para viver amorosamente, cita o nome de Mímerno:

Si, Mimnermus uti censet, sine amore iocisque  
 nil est iucundum, vivas in amore iocisque.  
 (Epístola I 6, 65)<sup>4</sup>

Se, como julga Mímerno, sem amor e diversão  
 nada é agradável, deves viver em amor e diversão.

Esses versos evocam o primeiro distico do fragmento 1W de Mímerno, segundo o qual, a vida sem a aurea Afrodite não tem valor.

Na ode 30, Horácio também relaciona o amor à juventude, ao evocar a deusa do amor e da beleza, Vênus:

---

<sup>4</sup> Apud ELEGY AND IAMBUS (1968), v. I, p. 86.

O Venus, regina Cnidi Paphique,  
 sperne dilectam Cypron et vocantis  
 ture te multo Glycerae decoram

transfer in aedem.

Fervidus tecum puer et solutis  
 gratiae zonis properentque Nymphae  
 et parum comis sine te Iuventas

Mercuriusque.

(Ode I, 30)

O Vénus, rainha de Cnido e de Pafos,  
 deixa a tua dileta Chipre e transporta-te  
 à bela morada de Glycera que te chama

com muito incenso

O menino ardente e as Graças com soltos  
 cintos, se apressem contigo, e as Ninfas  
 e a Juventude, pouco afável sem ti,  
 e Mercúrio.

Fazem parte do séquito de Vénus, a divindade latina correspondente a Afrodite, Eros, *fervidus puer*, o desejo amoroso; as Graças, divindades da Beleza; as Ninfas e a Juventude, que sem os dons de Vénus de nada vale. Também Mercúrio, ao auxiliar Jupiter em suas aventuras amorosas, junta-se aos seguidores da bela deusa.

Horácio, entretanto, não focaliza a fugacidade da juventude e os horrores da velhice, tal como Mimnermo. Mostra que a vida é breve e por isso deve ser aproveitada

integralmente. Na Ode 11 do livro I, o tema do "carpe diem" é enfatizado:

Tu ne quasieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi  
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios  
temptaris numeros. Ut, melius quicquid erit pati!  
Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,  
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrhenum, sapias, una liques et spatium breui  
spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit inuida  
aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.

(Ode I, 11)

Não busques (saber é proibido), ó Leucónoe, que fim os deuses reservaram a mim, a ti; nem os babilônios números interrogues. Como será melhor suportar o que quer que seja! Quer Júpiter nos dê ainda mil invernos, quer venha a conceder apenas este último, que agora estilhaça o mar Tirreno nos penhascos, se sábia, filtra os vinhos, por causa do breve tempo, não concebias longas esperanças. Enquanto falamos, o tempo invejoso terá fugido. Aproveita o dia de hoje e confia pouco no amanhã.

Nessa ode horaciana, os homens mostram-se completamente ignorantes de seus destinos. O futuro é incerto e não pode ser planejado; a vida é curta e o tempo, fugidio. Em vista disso, o poeta propõe uma solução: a de se viver o momento, sem preocupar-se com o dia de amanhã. O "carpe diem" parece expressar a solução encontrada pelo homem para superar as

angústias, tão bem expressas por Mimnermo, acerca da fugacidade da juventude. O *carpe diem* horaciano é a expressão plena da exortação à vida e ao amor que Mimnermo apenas sugeriu nos seus versos de exaltação à juventude.

O curso do tempo, sendo inexorável, relega à vida a brevidade: a juventude segue-se a velhice, à vida segue-se a morte. A partir dessa constatação, é possível depreender sentimentos antagônicos como a despreocupação com o futuro e a angústia por esse mesmo futuro. No âmbito da Literatura Brasileira, pode-se destacar o poeta do século XVII, Gregório de Matos, que retoma o tema do "carpe diem", segundo a estética do Barroco, expressando de forma pessimista a brevidade da vida. No soneto "a Maria dos Povos, sua futura esposa", observa-se, nos dois últimos versos do primeiro quarteto, uma construção paralelistica e metafórica, justapondo a beleza feminina e elementos da natureza:

Discreta, e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,  
Em tuas faces a rosada Aurora,  
Em teus olhos e boca o Sol, e o dia:

A rosada Aurora, o Sol e o dia representam a luminosidade da juventude também presentes em Mimnermo (cf. fr. 2W e 5W - ἀβήνης ἡελίου). Também a referência mitológica a Adônis, jovem de

beleza superior adorado e protegido de Afrodite, no segundo quarteto, reforça essa luminosidade e frescor característicos da juventude:

Enquanto com gentil descortesia  
O ar, que fresco Adônis te namora,  
Te espalha a rica trança voadora,  
Quando vem passear-te pela fria:

O paralelismo encontrado no primeiro quarteto, as metáforas e o paradigma mítico do segundo têm como finalidade exaltar a beleza e também mostrar os efeitos do tempo nessa mesma beleza, nos dois tercetos:

Goza, goza da flor da mocidade,  
Que o tempo trata a toda ligeireza  
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade,  
Te converta essa flor, essa beleza,  
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Nesses tercetos, o emprego do imperativo, evidenciando a função apelativa do poema, retoma o tema do "carpe diem" em toda sua plenitude: Goza, goza a flor da mocidade/...não aguardes, que a madura idade/ te converta essa flor, essa beleza/ Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada. Gregório

de Matos, ao justificar o quanto é breve a vida, contrapõe a juventude à velhice, através das expressões a flor da mocidade e a madura idade. Tal como em *Mimnermo*, a beleza e a sensualidade estão associadas à juventude e representadas pela flor, de efêmera existência. O envelhecimento vai desfigurando o rosto e o corpo paulatinamente (cf. *Mimnermo*, fr.5w, v.7), como evidencia a gradação no último verso do soneto. Verifica-se, com isso, a transformação cíclica da matéria, a que o corpo humano, como todos os seres vivos, está sujeito, e o último verso desse soneto, seguindo a tendência barroca de religiosidade, dialoga com a passagem bíblica: "Do pó vieste, ao pó voltarás".<sup>5</sup>

Mas, a ação do tempo, que nos seres vivos se mostra sob a forma de envelhecimento, não se restringe a eles; exerce seu poder sobre o que existe no mundo, transformando tudo pelo amadurecimento ou pela corrupção. Assim, ciclos antitéticos se estabelecem:

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em continuas tristezas, a alegria.

---

<sup>5</sup> Gênesis, 3, 19.



Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
 Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
 Como a beleza assim se transfigura?  
 Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,  
 Na formosura não se dê constância,  
 E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
 E tem qualquer dos bens por natureza  
 A firmeza somente na inconstância.<sup>6</sup>

Nesse outro soneto de Gregório, os questionamentos que assinalam as antíteses nascer x morrer, formosura x fugacidade, beleza x transformação, prazer x dor, revelam a aflição do homem barroco. A precariedade das coisas no mundo como a inconstância do Sol, da Luz e da beleza determina o paradoxo dos sentimentos do eu-lírico que experimenta a tristeza na alegria.

Como as antíteses serviram para expressar a angústia e o espírito dilemático do homem barroco, a mesma temática da efemeridade de todas as coisas e do "carpe diem" pode ser encontrada no Arcadismo sob uma outra ótica, ainda que seguindo os motivos e a forma dos grandes autores clássicos. Comprova-o

---

<sup>6</sup> Este soneto vem com a seguinte apresentação: "Moraliza o poeta nos ecidentes do sol a inconstância dos bens do mundo".

a primeira parte da *Lira XIII* de Marília de Dirceu, poema de Tomás Antônio Gonzaga que, seguindo os cânones da estética arcádica tem sua ambiência composta por alguns elementos bucólicos.

No início do poema, podem-se depreender três constatações: a) tudo é inconstante (v. 1); b) o futuro é incerto (v. 2); c) os opostos são sucessivos (v. 3 - 4):

Minha bela Marília, tudo passa;  
A sorte deste mundo é mal segura;  
Se vem depois dos males a ventura,  
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deuses  
Sujeitos ao poder do impio Fado:  
Apolo já fugiu do Céu brilhante,  
Já foi Pastor de gado.

Pode-se observar que, nos versos do poeta mineiro, ressoam os ecos da ode horaciana<sup>11</sup> e também os dos fragmentos de Mimnermo, cujo eixo temático é a brevidade não da vida, mas da juventude. É interessante ressaltar a alusão ao deus Apolo que vagou pela terra pastoreando o gado do rei Admeto por determinação de Zeus. Essa referência enfatiza a concepção de que o Fado, de poder implacável, à semelhança da *Moirai* inexorável, é capaz de submeter a todos. Assim, o poeta arcade se vale dum paradigma mítico para justificar a condição de

pastor do sujeito da enunciação, simples e sujeito às incertezas do destino.

No entanto, para os mortais, é destino certo, a morte, representada em Mimnermo por uma das negras *Kypses*, que toma o maior bem humano: a vida.

A devorante mão da negra Morte  
Acaba de roubar o bem, que temos;  
Até na triste campa não podemos  
Zombar do braço da inconstante sorte.  
Qual fica no sepulcro.  
Que seus avós ergueram, descansado:  
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
Ferro do torto arado.

Com a morte a espreitar os vivos, constata-se o quanto fragil e breve é a vida. Por esse motivo, uma resolução é tomada: já que os dias da vida são breves, que eles se tornem mais proveitosos. Começa a evidenciar-se então o "carpe diem", que será desenvolvido até o fim da *Lira*.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos  
Não voltam contra nós a face irada,  
Façamos, sim façamos, doce amada,  
Os nossos breves dias mais ditosos.

Um coração que, frouxo,  
A grata posse de seu bem difere,

A si, Marília, a si próprio rouba,  
E a si próprio fere.

O tema do carpe diem está presente, sobretudo, na quarta estrofe, com a exortação aos prazeres do amor e a constatação da irremediável passagem do tempo:

Ornemos nossas testas com as flores,  
E façamos de feno um brando leito,  
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,  
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,  
Sem que o possam deter, o tempo corre;  
E para nós o tempo, que se passa,  
Também, Marília, morre.

A antinomia vida e morte, que foi uma constante até a quarta estrofe do poema, juntam-se os infortúnios da velhice:

Com os anos, Marília, o gosto falta,  
E se entorpece o corpo já cansado;  
Triste o velho cordeiro está deitado,  
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura  
E dote, que só goza a mocidade:  
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,  
Mal chega a longa idade.

Essa quinta estrofe, tal como ocorre nos fragmentos 1W, 2W e 5W, de Mimnermo, descreve os efeitos da velhice na mente e no corpo, que se contrapõem às qualidades dos jovens como o vigor, a alegria e a beleza.

O poeta, com o forte argumento da transformação do viço da mocidade em decrepita velhice, convida sua musa a gozar os prazeres do amor enquanto ainda existe juventude.

Que havemos: d'esperar, Marília bela?  
Que vão passando os florescentes dias?  
As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;  
E pode enfim mudar-se a nossa estrela.

Ah! não, minha Marília,  
Aproveite-se o tempo, antes que faça  
O estrago de roubar ao corpo as forças,  
E ao semblante a graça.

"Aproveite-se o tempo", eis a tradução da expressão latina *carpe diem*, que conclui essa primeira parte dessa *Lira* árcade.

No Romantismo, embora não se utilizassem tópicos clássicos como modelo, encontra-se, num outro contexto, o tema da fugacidade da vida. A obsessão pela morte, característica marcante da corrente ultra-romântica, relega à vida a brevidade, mas o amor, sempre idealizado, não pode ser gozado e então fica

envolto numa atmosfera de sonho e fantasia. Assim, o tema do *carpe diem* não constitui uma característica desse estilo, porém não deixa de ter sua expressão entre os românticos. O poema *Amor e vinho*, de Fagundes Varela, um dos principais representantes da segunda geração do Romantismo, apresenta esse tema:

Amor e vinho

Cantemos o amor e o vinho,  
As mulheres, o prazer;  
A vida é sonho ligeiro,  
Gozemos até morrer.

Tim, tim, tim,  
Gozemos até morrer.

A ventura nesta vida  
E sonho que pouco dura;  
Tudo fenece no mundo,  
Na lousa da sepultura.

Tim, tim, tim,  
Na lousa da sepultura.

Não sou desses gênios duros,  
Inimigos do prazer,  
Que julgam que a humanidade  
Só nasceu para morrer.

Tim, tim, tim,  
Só nasceu para morrer.

Esse poema canta os prazeres da vida: o amor e o vinho, evoca as odes de Alceu e de Anacreonte. Mas, é a comparação da vida com o sonho, breve e fantasioso, que nos faz lembrar de Mimnermo que traça uma comparação similar, no fragmento 5W, entre a juventude e o sonho, ressaltando precipuamente sua natureza comum: a fugacidade. Propõe-se um brinde aos prazeres da vida com o estribilho Tim, tim, tim, sem, contudo, esquecer-se da presença da morte.

Também no Modernismo, o tema da fugacidade da vida e da juventude ainda encontra lugar nas composições de nossos poetas. E o caso de Cecília Meireles que nos deixou estes singelos versos:

#### Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
- *Em que espelho ficou perdida*  
a minha face?

Com um ar melancólico, a poetisa descreve, nas duas primeiras estrofes, as marcas do tempo impressas no rosto, no corpo e nos sentimentos. A caracterização da velhice não é positiva: o rosto é calmo, triste, magro; os olhos, vazios; o lábio amargo; as mãos, sem força, paradas, frias e mortas; o coração, inerte. Nesse poema, o ritmo dos versos assume uma função especial: no segundo verso de cada estrofe, há sempre três adjetivos que formam uma cadência, marcando a passagem do tempo. Na última estrofe, constata-se a transformação da juventude em maturidade: mudança que se processou de modo tão imperceptível, deixando em algum lugar do passado a juventude.

Como se pode observar, poemas de épocas tão variadas atestam a atemporalidade e a universalidade dos temas da fugacidade da juventude e da velhice. São eles ressonâncias, pode-se dizer, de alguns fragmentos de Mimnermo, que, no século VII a.C., já cantava os sentimentos e anseios inerentes a todo ser humano.



## 6 - CONCLUSÃO

A despeito de todas as divergências acerca da vida e da obra de Mimnermo, é possível inferir desse estudo algumas observações relevantes.

Pode-se dizer que Mimnermo foi um poeta elegíaco, que viveu durante a segunda metade do século VII a. C., e era natural de Esmirna, hipótese mais aceitável dentre os estudiosos modernos.

De Mimnermo chegaram até nós poucos fragmentos. Mas a julgar-se pelas informações de escritores posteriores ao poeta, sua produção deve ter sido muito maior. Depreende-se da leitura dos versos do elegíaco, que a despeito de ser conhecido pelos Alexandrinos através da antonomásia "poeta do amor", compôs, além das elegias de temática amorosa, poemas de cunho histórico e mitológico.

De toda a sua obra, os fragmentos que mais se destacam são os que enfatizam o tema do amor e o da fugacidade da "flor da juventude" (τὸ ἥβης ἄνθος). Para exaltar os prazeres do amor, Mimnermo vale-se da relação antitética existente entre juventude e velhice, contrastando as qualidades inerentes à tenra idade com os infortúnios decorrentes do inevitável

envelhecimento. Foi, então, possível relacionar o binômio juventude/velhice a um dos preceitos teóricos de Freud, que versa sobre os dois princípios que regulam o funcionamento da mente humana. Um desses princípios estaria voltado para o prazer, a satisfação plena dos desejos; o outro reprimiria esse impulso básico, mostrando a realidade, ou seja, as possibilidades ou impossibilidades de se obter a satisfação do desejo. Em Mimnermo, essas duas forças antagônicas parecem estar representadas na sensualidade característica da juventude e na impossibilidade de se viver plenamente o amor durante a velhice.

Quanto aos fragmentos de temática histórica, pode-se verificar que o poeta privilegiou o passado de sua pátria, contando os feitos dos seus antepassados. Há referências, inclusive, de que Mimnermo teria composto uma obra que tratava da história de Esmirna, a Esmirneida.

Conclui-se, também, com base nas informações de escritores posteriores como Estrabão, Ateneu e Pausânias, que o elegíaco parece ter composto poemas de cunho mitológico. No entanto, conhece-se apenas alguns poucos distícos que focalizam o mito do Sol e o de Jasão e o velo de ouro.

Mas, é em decorrência das belíssimas metáforas da juventude e da vinculação dos prazeres amorosos à própria existência humana, que Mimnermo mereceu o epíteto de *doce poeta*,

conferido originalmente pelo critico alexandrino Calimaco. Com esta dissertação, verifica-se que o poeta realmente faz jus ao adjetivo *γλυκός*.

Pode-se, então, afirmar que o tema da fugacidade da juventude e da vida, aliado à exortação ao deleite das dádivas do amor, constitui os primeiros indícios do *carpe diem* horaciano. Os temas privilegiados pelo elegíaco grego foram consagrados como *τόποι* literários e cultivados por gerações e gerações de poetas que buscaram nos clássicos a expressão universal dos sentimentos humanos. E os ecos desse tema tão caro ao poeta de Esmirna encontram-se, inclusive, na literatura brasileira, em praticamente todas as estéticas, comprovando, assim, o caráter atemporal e universal do tema da efemeridade da vida.

## 7 - BIBLIOGRAFIA

1. ADRADOS, Francisco Rodriguez. *El mundo de la lirica griega antigua*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.
2. ALCÉE, SAPHO. Texte établi et traduit par Théodore Reinach avec la collaboration de Aimé Puech. Paris, Belles Lettres, 1966.
3. BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-français*, Ed. revue et augmentée par L. Séchan et P. Chantraine, Paris, Hachette, 26 ed, 1963.
4. BARRETO, Maria Lecticia. *Admirável mundo velho - Velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo, Ática, 1992.
5. BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 2ª ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990.
6. BOWRA, C.M. *Early Greek elegists*. New York, Cooper Square Publishers, 1969.

7. \_\_\_\_\_. *La lirica greca de Alcmane a Simonide*. Trad. Giuliana Lanata. Firenze, La nuova Italia, 1973.
  
8. BROWN, Norman O. *Vida contra morte: o sentido psicanalítico da história* 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1974.
  
9. BURN, Andrew Robert. *The lyric age of Greece*. Londonn, Edward Arnold, 1978.
  
10. BYZOS, M. *Syntaxe Grecque*, 3ª ed. Paris, Vuibert, 1955.
  
11. CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981.
  
12. CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque*. Histoire des mots. Tomos I e II (vols. I,II,III,IV), Paris, Klincksieck, 1983 -1984.
  
13. CHEVALIER, J. et GHEERBRANT, A. *Dictionnaire des symboles* 2ª ed. Paris, Robert Laffont/ Jupiter, 1982.
  
14. DAIN, A. *Trité de métrique grecque*. Paris, Klincksieck, 1965.

15. EASTERLING, P. E. e KNOX, B. M. W. (eds) *História de la literatura clásica* (Cambridge University), vol. I - *Literatura griega* (Version española de Federico Zaragoza Alberich), Madrid, Editorial Gredos, 1990.
16. ELEGY AND IAMBUS WITH THE ANACREONTEA. Newly edited and translated by J. M. Edmonds. London. William Heinemann, 1968. v. 1.
17. FALCO, Vittório de, COIMBRA. Aluizio de Faria. *Os elegiacos gregos de Calino a Crates*. São Paulo, 1941. v. 1.
18. FRÄNKEL, Hermann. *Early Greek poetry and philosophy*. London, Alden Press, 1962.
19. FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Pequena coleção das obras de Freud. vol. I. Rio de Janeiro. Ímago, 1975.
20. GONZAGA, Tomás Antônio Gonzaga. *Obras Completas*. Edição crítica de Rodrigues Lapa. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.

21. GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. 2<sup>a</sup> ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1958.
22. HAMMOND, N.G.L. and SCULLARD, H.H.S. (eds.) *The Oxford Classical Dictionary*. 2<sup>a</sup> ed. Oxford, Clarendon, 1992.
23. HATZFELD, Jean. *História da Grécia antiga*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1965.
24. HAUSER, A. *História Social da Literatura e da Arte* Tomo I, Editora Mestre Jou, 4<sup>a</sup> edição, 1986.
25. HERODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit PR. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1964-1968. 10v.
26. HESIODE. *Théogonie, Les travaux et les jours*. Le Bouclier. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris, Les Belles Lettres, 1972.
27. HOMERE. *Iliade*. Texte établi et traduit Paul Mazon. 4<sup>a</sup> ed. Paris. Les Belles Lettres, 1957. 4v.
28. \_\_\_\_\_. *L'Odyssée*. Texte établi et traduit par Victor Berard. 2<sup>a</sup> ed. Paris, Les Belles Lettres, 1933. 3v.

29. HORACE. *Odes et épodes*. Textes établi et traduit par F. Villeneuve, v. I. Paris, Les Belles Lettres, 1970.
  
30. HORTA, Guida Nedda B.P. *Os gregos e seu idioma* vol. 1 (1º tomo - 3ªed./2º tomo - 2ªed.) Rio de Janeiro, Ed. J. Di Giorgio, 1983.
  
31. \_\_\_\_\_. Ode à bem-amada. In: *Caliope*, presença clássica, nº 6. Rio de Janeiro, Di Giorgio, jan./jun. 1987. p. 24.
  
32. HUMBERT, J. *Syntaxe grecque*. 3ª ed. rev. et augm. Paris, Klincksieck. 1960, 470p.
  
33. IAMBI ET ELEGI GRAECI ANTE ALEXANDRE CANTATI. Edit M. L. West. London, Oxford University Press, v.1 (editio altera) 1989 - v. 2 (editio altera), 1992.
  
34. JAEGER, W.W. *Paidéia: a formação do homem grego*. tradução de Artur M. Parreira. 2ªed. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
  
35. LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.



36. LESKY, A. *Historia de la literatura griega* (Versão espanhola de José M. Díaz Regñon J. B. Romero) Madrid, Gredos, 1983.
  
37. LIDDEL, Henry George and SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon* New Edition revised by JONES, H. S. and McKENZIE, R. Oxford, Clarendon, 1968.
  
38. LIRICOS GRIEGOS ELEGÍACOS Y YAMBOGRAFOS ARCAICOS (Siglos VII - V a.C.). Texto y traducción por F. R. Adrados. Barcelona, Alma Mater, 1956. 2v.
  
39. MEIRELES, Cecilia. *Obra poética*. Rio de Janeiro. Aguillar, 1958.
  
40. MOISES, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 12ª ed. São Paulo, Cultrix, 1986.
  
41. MOSSE, Claude. La colonisation grecque. In: \_\_\_\_\_. *La colonisation dans l' Antiquité*. Paris, Fernand Nathan, s/d. p. 27-68.
  
42. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Poesia Grega Arcaica* Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1980.

43. PESSANHA, Nely Maria. *A poesia de Arquiloco*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas - Literatura Grega - Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1989.
44. \_\_\_\_\_. Mínermo e os dons de Hebe e Afrodite. In: *Caliope, presença clássica*. no 9. Rio de Janeiro, Departamento de Letras Clássicas - FL/UFRJ, 1993. p. 32-40.
45. PINDARE. *Pythiques*. Texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris, Les Belles Lettres, 1966.
46. PODLECKY, A. J. Archilochus, Callinus and Mimnermus. In: \_\_\_\_\_. *The early greek poets and their times*. Vancouver. University of British Columbia Press. 1984. p. 30-61.
47. RAMOS, Péricles Eugênio da Silva, org. *Poesia barroca*. São Paulo. Melhoramentos. 1967.
48. \_\_\_\_\_. *Poesia romântica*. São Paulo. Melhoramentos, 1965.

49. RIEMANN, O. & CUCUEL, Ch. *Regles fondamentales de la syntaxe grecque* 4<sup>e</sup>ed. Paris, Klincksieck, 1936.
50. ROMILLY, J. *Précis de littérature grecque*, 1<sup>re</sup> ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1980.
51. SMYTH, Herbert W. *Greek grammar*. 3<sup>rd</sup>ed. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
52. WEST, Martin L. (ed.) *Delectus ex iambis et elegis Graecis*. Oxford University Press, 1980.
53. ————. *Studies in greek elegy and iambus*. Berlin/New York, Walter Gruyter, 1974.

MELO, Flávia Andréa de Albuquerque. Os fragmentos de Mimnermo. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1994. 109 fl. mimeo Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Grega.

## RESUMO

Esta dissertação analisa toda a produção poética de Mimnermo, enfatizando a antinomia juventude e velhice. Ocupa-se ainda dos fragmentos de temática histórica e mitológica. Examina-se o jogo intertextual entre a obra do elegíaco grego e a de outros poetas não só da Antiguidade Clássica mas também da literatura brasileira, que elegeram como eixo temático a brevidade da vida e da juventude. Apresenta também a tradução de todos os fragmentos de Mimnermo.

MELO, Flávia Andréa de Albuquerque. Os fragmentos de Mimnermo. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1994. 109 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Grega.

## RÉSUMÉ

Cette dissertation a pour objet d'étude toute la production poétique de Mimnermo, en rehaussant l'antinomie entre la jeunesse et la vieillesse. Elle traite aussi des fragments historiques et mythologiques. On examinera le jeu intertextuel entre l'oeuvre de l'élegiaque grec et celle d'autres poètes de l'Antiquité Classique. On s'occupera aussi de l'oeuvre de quelques poètes brésiliens qui ont comme thème central la brièveté de la vie et celle de la jeunesse. On présentera en plus la traduction de tous les fragments de Mimnermo.